



## **ACADEMIA MILITAR**

**O impacto da recolha de Informações na eficiência da conduta das operações militares em ambientes urbanos no Teatro de Operações da República Centro Africana.**

**Autor: Aspirante de Infantaria Diogo Filipe Xavier de Oliveira**

**Orientador: Major de Infantaria Carlos Miguel Coelho Rosa Marques da Silva**

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, maio 2020**



## **ACADEMIA MILITAR**

**O impacto da recolha de Informações na eficiência da conduta das operações militares em ambientes urbanos no Teatro de Operações da República Centro Africana.**

**Autor: Aspirante de Infantaria Diogo Filipe Xavier de Oliveira**

**Orientador: Major de Infantaria Carlos Miguel Coelho Rosa Marques da Silva**

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, maio 2020**

## EPÍGRAFE

*“Ao olhar para o próximo século, os líderes serão aqueles que capacitam os outros.”*

**Bill Gates**

# DEDICATÓRIA

Aos meus Avós, com saudade  
Aos meus Pais e Irmã, por todo o Amor  
À minha Madrinha, pela orientação  
E à Ana, por ser o meu abrigo.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todos aqueles que me acompanharam ao longo deste percurso, pelo modo como me incentivaram e ampararam de diferentes maneiras.

Ao meu orientador, Major Carlos Marques da Silva, quero expressar o meu profundo e sincero agradecimento, pela confiança, disponibilidade, paciência e encorajamento que revelou durante todo o trabalho, mas acima de tudo, pelo exemplo e postura que foi essencial, e que contribuiu para o meu desenvolvimento.

Ao Capitão Tiago Baleia, pela disponibilidade e empenho demonstrado, e por todos os ensinamentos transmitidos.

Ao Tenente-Coronel Jorge Ribeiro, Diretor de Curso de Infantaria, pela dedicação e preocupação para com o curso.

Aos entrevistados que me proporcionaram a oportunidade de obter valioso contributo, manifesto o meu apreço e reconhecimento pelo apoio, assim como pela forma célere com que colaboraram.

A todos os meus camaradas de curso, com quem tenho o prazer de partilhar experiências, momentos de amizade e de crescimento pessoal.

À minha família e à Ana pelo apoio fundamental, paciência e compreensão nos momentos de ausência, em virtude do sonho.

A todos, muito OBRIGADO!

## RESUMO

Atualmente, existem fatores que garantem o conhecimento antecipado das alterações com o intuito de tomar a melhor decisão. As Informações, no cumprimento da Missão da Força Nacional Destacada na República Centro-Africana, assumem extrema importância no processo de tomada de decisão.

Com este estudo, procura-se perceber o contributo das Informações no apoio às operações em Ambiente Urbano na República Centro Africana. As Informações surgem como elemento mitigador da ameaça e de auxílio à tomada de decisões, sendo o ponto de partida desta investigação que pretende, de uma forma estruturada, dar a conhecer o ambiente operacional do Teatro de Operações da República Centro Africana e, essencialmente, verificar qual o impacto que a recolha das Informações têm na eficiência das operações em Ambiente Urbano neste exigente Teatro de Operações.

De forma a atingir este objetivo, a investigação baseou-se num raciocínio dedutivo, de acordo com uma estratégia qualitativa, através da análise documental e de conteúdo, com recurso a entrevistas aos comandantes das Forças Nacionais Destacadas na República Centro Africana, assim como ao Chefe do Centro de Segurança Militar de Informações do Exército e ao Oficial de Informações do Comando Conjunto para as Operações Militares do Estado Maior General das Forças Armadas, que permitiram identificar a importância que as Informações podem ter no apoio à decisão do comandante e, subsequentemente, identificar lacunas no sistema e elaborar recomendações, que poderão tornar mais eficiente o Combate em Ambiente Urbano.

Após a análise, foi possível verificar limitações no acesso oportuno às Informações necessárias, da parte do escalão superior, para a condução das Operações. Verificou-se também como a própria estrutura de Informações da Forças Nacionais Destacadas se adaptou ao longo do tempo e de acordo com as adversidades, fruto das Lições Aprendidas das primeiras Forças Nacionais Destacadas, de acordo com as limitações referidas, e de que forma conseguiu estruturar-se para cumprir a missão.

Por último, este estudo permitiu identificar as fragilidades das Informações no Teatro de Operações da República Centro Africana e apresentar possíveis soluções, de modo a melhorar a eficiência das operações em Ambiente Urbano.

**Palavras-Chave:** Informações; Eficiência; Ambiente Urbano; República Centro Africana.

## ABSTRACT

Nowadays, there are factors that guarantee the advance knowledge of changes in order to make the best decision. The Intelligence, in carrying out the Mission of the Detached National Force in the Central African Republic, assume extreme importance in the decision-making process.

With this study, the major goal is to understand the contribution of Intelligence to support operations in the Urban Environment of the Central African Republic. Intelligence emerges as an element to mitigate the threat and aid in the decision-making process, appearing as the starting point of this investigation that intends, in a structured way, to make known the operational environment of Theater of Operations of the Central African Republic and, essentially, to check what impact Intelligence's collect has in the efficiency of operations in Urban Environment of this demanding Theater of Operations.

To achieve this goal, the research was based on deductive reasoning, according to a qualitative strategy, carrying out a documentary and content analysis, using interviews with commanders of the Detached National Force in the Central African Republic, as well as the Head of the Security Center Military Information Officer and Joint Command Information Officer for Military Operations of the General Staff of the Armed Forces, that allowed to identify the importance that Intelligence can have in supporting the commander's decision-making process and, subsequently, to identify gaps in the system and to develop recommendations, that could make Combat in the Urban Environment more efficient.

After the analysis, it was possible to verify limitations in the timely access to the necessary Intelligence, of the upper echelon, to conduct the Operations. It was also verified how the structure of Intelligence of the Detached National Force adapted itself over time and according to the adversities, as a result of the Lessons Learned from the first Detached National Force, according to the limitations mentioned, and in what way they managed to structure itself to fulfill the mission.

Finally, this study allowed to identify the weaknesses of the Intelligence in the Theater of Operations of the Central African Republic and to present possible solutions, in order to improve the efficiency of the operations in the Urban Environment.

**Key words:** Intelligence; Efficiency; Urban Environment; Central African Republic.

# ÍNDICE

EPÍGRAFE.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO .....	iv
ABSTRACT.....	v
ÍNDICE .....	vi
ÍNDICE DE QUADROS.....	ix
ÍNDICE DE FIGURAS.....	x
LISTA DE APÊNDICES .....	xi
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	xii
INTRODUÇÃO .....	1
CAPITULO I – REVISÃO DA LITERATURA.....	4
1.1. Enquadramento concetual .....	4
1.1.1. Informações.....	5
1.1.1.1. Ciclo de Produção de Informações.....	7
1.1.1.2. Qualidade das Informações .....	10
1.1.1.3. Princípios, níveis e tipos das Informações .....	11
1.1.1.4. Disciplinas das Informações.....	12
1.2. Combate em Ambiente Urbano.....	16
1.2.1. Enquadramento concetual .....	16
1.2.2. Caracterização do Combate em Áreas Edificadas.....	16
1.2.3. Princípios orientadores do Combate em Áreas Edificadas .....	18
1.3. Ambiente Operacional.....	19
1.3.1. Enquadramento concetual .....	19
1.3.2. Caracterização do ambiente operacional da RCA.....	20

1.3.2.1. A génese do conflito na RCA.....	20
1.3.2.2. Variável de análise: Ambiente Físico.....	22
1.3.2.3. Variável de análise: Política.....	24
1.3.2.4. Variável de análise: Militar.....	25
1.3.2.5. Variável de análise: Económica.....	27
1.3.2.6. Variável de análise: Social.....	28
1.3.2.7. Variável de análise: Infraestruturas.....	29
1.3.2.8. Variável de análise: Informação.....	30
1.3.2.9. Caracterização da Ameaça.....	30
1.3.2.9.1. Movimento <i>Séleka</i> .....	31
1.3.2.9.2. Movimento <i>Anti-Balaka</i> .....	32
1.3.3. Arquitetura organizacional de Informações na RCA.....	33
1.4. Força Nacional Destacada na MINUSCA.....	35
1.4.1. Missão e Estrutura.....	35
1.5. Modelo de Eficiência.....	35
<b>CAPITULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>37</b>
2.1. Objetivos da investigação.....	37
2.2. Modelo de análise.....	38
2.3. Técnicas, Procedimentos e Meios de Pesquisa.....	39
2.4. Caracterização da Amostra.....	40
2.5. Tratamento de dados.....	40
2.6. Local e data da pesquisa e recolha de dados e Aplicações informáticas utilizadas.....	41
<b>CAPITULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>42</b>
3.1. Organização em termos das Informações.....	42
3.2. Análise da estrutura de Informações.....	43
3.3. Análise do conteúdo das entrevistas aos comandantes das FNDs.....	45

3.4. Análise do conteúdo da entrevista ao Chefe do CSMIE .....	50
3.5. Análise do conteúdo da entrevista ao Chefe do J2 do CCOM .....	51
3.6. Discussão dos Resultados.....	52
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	59

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Conceito dos Indicadores do Produto das IM .....	10
Quadro 2 - Modelo de Análise .....	38
Quadro 3 - Entrevistados.....	40
Quadro 4 - Lacunas e Recomendações .....	54
Quadro 5 - Resposta à questão nº1 .....	X
Quadro 6 - Resposta à questão nº2.....	X
Quadro 7 - Resposta à questão nº3 .....	XII
Quadro 8 - Resposta à questão nº4.....	XII
Quadro 9 - Resposta à questão nº5 .....	XIII
Quadro 10 - Resposta à questão nº6.....	XIV
Quadro 11 - Resposta à questão nº7 .....	XV
Quadro 12 - Resposta à questão nº8.....	XVI
Quadro 13 - Resposta à questão nº9.....	XVI
Quadro 14 - Resposta à questão nº10.....	XVII
Quadro 15 - Resposta à questão nº11 .....	XVII

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide conceitual das Informações (Portugal e NATO) .....	7
Figura 2 – Ciclo de Produção de Informações .....	8
Figura 3 – República Centro Africana .....	23
Figura 4 – Topografia e hidrografia da RCA .....	23
Figura 5 – Prefeituras da RCA .....	24
Figura 6 – Factos e dados da EUTM-RCA .....	26
Figura 7 – Composição da MINUSCA em janeiro de 2020 .....	27
Figura 8 – Mapa dos recursos minerais na RCA.....	28
Figura 9 – Vias de comunicação na RCA .....	29
Figura 10 – Combatentes do movimento <i>Séleka</i> .....	32
Figura 11 – Combatentes do movimento <i>Anti-Balaka</i> .....	33
Figura 12 – Estrutura do MPKI.....	34
Figura 13 – Estrutura de U2/MINUSCA.....	43

## **LISTA DE APÊNDICES**

APÊNDICE A – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS COMANDANTES DAS FNDs .....	I
APÊNDICE B – GUIÃO DE ENTREVISTA AO CHEFE DO CSMIE .....	IV
APÊNDICE C – GUIÃO DE ENTREVISTA AO J2 DO CCOM.....	VII
APÊNDICE D – QUADRO DE APRESENTAÇÃO DE DADOS .....	X

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

### A

**a. C.** – antes de Cristo

**AK** – *Avtomát Kaláshnikova*

**AOp** – Área de Operações

**AU** – Ambiente Urbano

### B

**BBC** – *British Broadcasting Corporation*

**BrigRR** – Brigada de Reação Rápida

### C

**CAU** – Combate em Ambiente Urbano

**CCIR** – *Commander's critical information requirements*

**CCOM** – Comando Conjunto para as Operações Militares

**CEDN** – Conceito Estratégico de Defesa Nacional

**CIA** – *Central Intelligence Agency*

**CIM** – Célula de Informações Militar

**CIMIC** – Coordenação Civil e Militar

**Cmdts** - Comandantes

**COMINT** – *Communications Intelligence*

**CSMIE** – Centro de Segurança Militar e de Informações do Exército

**CPI** – Ciclo de Produção de Informações

**CSNU** – Conselho de Segurança das Nações Unidas

### D

**DDRR** – Desarmamento, Desmobilização, Reintegração e Repatriação

### E

**ELINT** – *Electronic Intelligence*

**EM** – Estado Maior

**EME** – Estado Maior do Exército

**EMGFA** – Estado-Maior-General das Forças Armadas

**EUA** – Estados Unidos da América

**EUTM-RCA** – *European Union Training Mission in Central African Republic*

**F**

**FACA** - Forças Armadas Centro Africanas

**FHQ** – *Force Headquarters*

**FNDs** – Forças Nacionais Destacadas

**FT** – Forças Terrestres

**H**

**HUMINT** – *Human Intelligence*

**I**

**IM** – Informações Militares

**IMINT** – *Imagery Intelligence*

**INTSUM** – Sumário de Informações

**IUM** – Instituto Universitário Militar

**J**

**JMAC** – *Joint Mission Analysis Centre*

**JOC** – *Joint Operation Center*

**M**

**MASINT** – *Measurement and Signature Intelligence*

**MDN** – Ministério da Defesa Nacional

**METOC** – *Naval Meteorology & Oceanography Command*

**MINUSCA** – *United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic*

**MISCA** – Missão Internacional de Apoio à República Centro Africana

**MPKI** – *Military Peacekeeping Intelligence*

**N**

**NATO** – *North Atlantic Treaty Organization*

**NU** – Nações Unidas

**O**

**OE** – Objetivos Específicos

**OG** – Objetivo Geral

**ONG** – Organizações Não Governamentais

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**OPCON** – Controlo Operacional

**OSINT** – *Open Source Intelligence*

**P**

**PD** – Pergunta Derivada

**PDE** – Publicação Doutrinária do Exército

**PKM** – *General-purpose machine gun*

**PP** – Pergunta de Partida

**Q**

**QRF** – *Quick Reaction Force*

**R**

**RCA** – República Centro Africana

**RCFTIA** – Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

**RPG** – *Rocket-propelled grenade*

**S**

**SI** – Sistemas de Informações

**SIGINT** – *Signals Intelligence*

**T**

**TCor** – Tenente-coronel

**TIA** – Trabalho de Investigação Aplicada

**TN** – Território Nacional

**TO** – Teatro de Operações

**U**

**UAV** – *Unmanned Aerial Vehicles*

**UnOrg** – Unidade Organizadora

**UNPOL** – *United Nations Police*

**UNDSS** - *United Nation Department of Safety and Security*

**V**

**VANT** – Veículos Aéreos Não Tripulados

**VIP** – *Very Important People*

“Apenas o governante esclarecido e o general sábio poderão usar todos os dados recolhidos pela espionagem militar, e assim atingir ótimos resultados”.

(Sun Tzu, 2009, p. 101)

## **INTRODUÇÃO**

O presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (RCFTIA) materializa o fim curricular referente ao ciclo de estudos do Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, sendo referente ao tema: “O impacto da recolha de Informações na eficiência da conduta das operações militares em ambientes urbanos no Teatro de Operações da República Centro Africana”.

A escolha deste estudo assenta de forma proeminente, por um lado na relevância e protagonismo nacional que a mesma trouxe às missões operacionais desenvolvidas pelo Exército, e por outro, ao desafio que a mesma acarreta, no que respeita a um contínuo aperfeiçoamento das capacidades e possibilidades de uma força militar, cuja responsabilidade e o impacto do cumprimento das suas atividades, em muito contribui para a missão internacional neste Teatro de Operações (TO).

Por conseguinte, e numa perspetiva abrangente, pode-se inferir que a globalização dos diferentes setores constituintes da sociedade, potenciaram a aproximação dos países e das suas populações. Esta aproximação trouxe, de igual modo, um conjunto de desafios que tendem a ser explorados com o intuito de obtenção de vantagem (Herman, 1996, pp. 9-16). Neste aspeto e, de acordo com as orientações políticas, constituem-se as Informações e os respetivos sistemas com responsabilidade de as produzir, “incontornáveis instrumentos de identificação e avaliação das ameaças e oportunidades, em cenários voláteis e complexos” (CEDN, 2013, pp. 2-8).

A volatilidade e a difusidade com que a ameaça se caracteriza, salientada no CEDN (2013, pp. 2-4), está alicerçada num paradoxo definido pelo aumento tecnológico que permite um impacto (estrage) e alcance maiores, com menor custo e exposição, mas que, simultaneamente, carece e subsiste da necessidade de anonimato através da imiscuição e dissimulação entre o normal cidadão. Assim, a globalização da ameaça fez com que o adversário caminhe no meio da população, ao invés de combater apenas nas “cavernas” da

República do Afeganistão (Burton, 2005), aludindo o autor com esta expressão à deslocalização dos conflitos para os centros urbanos (Silva C. M., 2018).

A atualidade e relevância deste assunto aumenta, num momento em que se verifica que a ameaça se encontra junto à “porta da nossa casa” ao invés de nos desertos das Repúblicas do Iraque e do Afeganistão, e que cada vez mais, também, o emprego de forças militares é efetuado em ambientes operacionais de cariz urbano, havendo deste modo, necessidade de adaptação e compreensão da situação do “terreno humano” onde as operações decorrem (Baker, 2007).

Nesta conformidade, importa efetuar uma reflexão sobre a forma como as Informações e as suas respetivas atividades se assumem como importantes vetores de mitigação da incerteza em que assenta a conduta da ameaça.

Por conseguinte, face à volatilidade e incerteza que caracteriza a ameaça contemporânea, importa compreender de que modo poderá um Comandante com os meios ao seu dispor, mitigar e reduzir os riscos que se opõem a uma tomada de decisão esclarecida, quer no que respeita às potencialidades e vulnerabilidades do adversário, quer ao próprio ambiente operacional onde as operações decorrem.

Face ao exposto, e tendo em conta a mudança de paradigma associado à localização dos conflitos, importa avaliar de que modo poderão as Informações num sentido holístico, constituir-se numa importante ferramenta de apoio a um Comandante, quer na eficiência do emprego de recursos, quer na diminuição de impactos e danos colaterais das operações militares na população.

Não obstante, justifica-se ainda mais este tema, em virtude da falta de literatura de análise operacional, circunscrita a esta temática sobre a conflitualidade na República Centro Africana (RCA), tendo em consideração que, desde janeiro de 2017, operam Forças Nacionais Destacadas (FNDs) neste TO, enquadrados sob um mandato da Organização da Nações Unidas (ONU).

Neste caso em particular, importa perceber de que modo a RCA assume especificidades ímpares no âmbito da complexidade intrínseca ao emprego militar de uma força multinacional. A RCA é um país caracterizado pela violência e por um conflito, que já originou a perda de milhares de vidas e um grande número de deslocados ao longo do tempo, levando a uma intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) e diversas Organizações Não Governamentais (ONG).

Este trabalho de Investigação Aplicada pretende verificar o impacto do estudo das Informações nas operações em Ambiente Urbano (AU) na RCA. Para a prossecução deste

desiderato, iremos delimitar este estudo temporalmente a janeiro de 2017, data da projeção da primeira FND para o TO da RCA, sendo que em termos espaciais me focarei nas atividades realizadas em Território Nacional (TN) e na RCA, e em termos de conteúdo ao que respeita aos processos que informam uma força militar sob a égide da ONU.

Para tal tem como Pergunta de Partida (PP): **De que modo pode a recolha de Informações contribuir para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano na República Centro Africana?**

Esta PP visa ir ao encontro do Objetivo Geral (OG) da investigação, que é: avaliar de que modo a recolha de Informações contribui para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano no Teatro de Operações da República Centro Africana.

Deste OG derivam os Objetivos Específicos (OE), que visam esmiuçar o tema, sendo eles:

- OE1: Compreender a concetualização das Informações e os fundamentos que materializam o seu emprego nas operações militares na República Centro Africana.

- OE2: Caracterizar o ambiente operacional associado à realidade urbana na República Centro Africana.

- OE3: Analisar o impacto que as Informações podem ter no apoio às operações militares, face aos desafios que o ambiente urbano potencia na República Centro Africana.

O presente trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro apresenta-se o enquadramento concetual resultante da revisão de literatura, procurando estabelecer as premissas concetuais base para poder efetuar uma análise completa nas diferentes dimensões; no segundo capítulo apresenta-se a metodologia utilizada, procurando explicar o percurso metodológico e o respetivo raciocínio utilizado; no terceiro capítulo faz-se a observação, tratamento e análise dos dados; e, no final são apresentadas as conclusões da investigação.

# CAPITULO I – REVISÃO DA LITERATURA

## 1.1. Enquadramento concetual

A necessidade de informação surgiu, efetivamente, com as primeiras aspirações do Homem, em que o seu instinto de sobrevivência “contempla o desejo de saber antecipadamente, o que vai fazer, do que pode dispor, e que perigos o ameaçam” (Bartolomeu, 2010, pp. 6-9).

Assim, pode-se afirmar que a importância da informação para a espécie humana remonta à pré-história<sup>1</sup>. Devido ao aparecimento das primeiras civilizações surgiu a necessidade de transmitir a informação de forma mais eficaz. Com a invenção da escrita, foi possível o registo da informação mais pertinente, permitindo a consulta por pessoas diferentes em diversas alturas (Rocio, 2010).

Em Portugal, as Informações, ainda que sem uma estrutura definida, tiveram origem na formação da nacionalidade, tendo-se revelado essenciais no apoio das campanhas que conquistaram a Estremadura, parte do Alentejo e o Norte, à hegemonia de Leão e Castela. Neste período, “a guerra ofensiva” era mais proeminente na Primavera e no Verão, dominando a “guerra defensiva” no restante período do ano, verificando-se a presença de algumas forças na fronteira com missões de “vigilância e de informação”. “Contudo, no contexto da organização de forças, na primeira dinastia, não se deteta uma atividade superior de informações” (Cardoso, 1995 ).

Mais recentemente, o conceito de Informações tem-se tornado o tema central nos debates contemporâneos sobre segurança, defesa e política externa. Os novos fenómenos da atualidade como o terrorismo, o crescente desenvolvimento tecnológico e os ataques cibernéticos são responsáveis por aumentar não só a complexidade e dificuldade em processar informação, mas também o rigor na cedência de recursos para as devidas áreas de análise, de modo a responder às necessidades (Escorrega, 2009).

Neste capítulo, vão ser expostos os conceitos estruturantes sobre o tema do Trabalho de Investigação Aplicada de modo a compreender a concetualização das Informações e os fundamentos que materializam o seu emprego nas operações militares na República Centro Africana.

---

<sup>1</sup> Período até 4000 a. C.

### 1.1.1. Informações

Conceitualmente, o termo *Informações* tem provocado um conjunto de divergências de índole etimológicas, na medida em que o próprio termo em si, não se consubstancia no plural da palavra informação. Numa análise etimológica mais objetiva, poder-se-ia deduzir que o termo *informações* seria simplesmente o plural de informação, e nesse sentido seria lógico associar os respetivos significados como sinónimos, no entanto, na realidade não o são.

Por essa razão, e no intuito de mitigar eventuais confusões de significados a doutrina Americana efetua de igual modo a distinção entre estes dois conceitos de forma muito semelhante à efetuada pela *North Atlantic Treaty Organization* (NATO), assim como Espanha, adotando, pois respetivamente, o termo *intelligence* e *inteligencia*.

As Informações têm sido utilizadas como atividade desenvolvida por organizações, instituições ou empresas transformando-se num instrumento importante para apoiar no processo de tomada de decisão e para a definição de estratégias.

Quando se aborda a temática de Informações particularizada ao nível militar, torna-se fundamental clarificar qual o entendimento sobre o conceito e quais as características que encerra em si, embora, ainda nos dias de hoje, não se tenha alcançado uma definição consensual. Sobre este aspeto, Graça (2009, p. 14) sublinha que “a definição de *intelligence* é ainda hoje objeto de problematização entre os especialistas no meio académico e nos serviços de Informações”. Para se clarificar o entendimento na presente investigação, o termo *intelligence* terá o mesmo significado que Informações, indo ao encontro do paradigma vigente em Portugal onde “vingou de facto como sinónimo” (Graça, 2009, p. 14) e destinto do termo “informação”.

Segundo o General Pedro Cardoso (2004, pp. 150 - 151), as “atividades de Informações, envolvem um processo complexo de pesquisa, avaliação, integração e interpretação de informações [...] que para serem úteis devem ser oportunas e bastante precisas”.

Assim, e segundo Pinto (2001, p. 291), as “Informações são o conhecimento obtido por meios convencionais ou não convencionais, sobre os meios, atividades, possibilidades, intenções e vulnerabilidades de Estados, organizações e individualidades estrangeiras, de grupos hostis ou potencialmente hostis”.

Na perspectiva doutrinária em vigor no Exército define-se por Informações, os fatores que convergem para a caracterização do inimigo provável ou real, assim como, da área de operações (Exército Português, 2009, pp. 1 - 6).

Na mesma linha, a NATO (2016, pp. 3-1) define *Intelligence* ou Informações como o produto “*resulting from the directed collection and processing of information regarding the environment and the capabilities and intentions of actors, in order to identify threats and offer opportunities for exploitation by decision makers*”.

Deste modo, conclui-se que as atividades das Informações se baseiam na recolha de dados ou informação sobre oponentes, orientada e determinada por estados ou líderes militares, com o objetivo de procurar conhecimento para garantir o sucesso. Assim, são aceites por um lado, como um fator crítico, e por outro, como um elemento fundamental no apoio à decisão (Ribeiro, 2009, p. 107).

Deste modo, e como premissa estrutural para este estudo, infere-se que as Informações (*Intelligence*) são o produto final que resultou do tratamento de notícias referentes a diversas matérias como grupos, organizações ou elementos, que são hostis ou potencialmente hostis, ou áreas de operações atuais ou futuras.

Após a desconstrução concetual, pode-se deduzir que as Informações enquanto processo, tal como se identifica na Figura 1, congregam um conjunto de conceitos que para efeitos deste estudo importa salientar. Nesta conformidade, Bispo (2004, p. 78) refere que “informação é o conjunto de dados, colocados num contexto, relacionados com o espaço, o tempo, o cenário da ação [...] por si só, não dá a ideia da forma como os atores irão agir, modos de atuação, ou a oportunidade da aplicação do seu esforço”. Por conseguinte, identificam-se os dados, como sendo os sinais detetados por um qualquer sensor, independentemente da sua origem (humana, eletrónica ou mecânica) transmitidos por um sistema (Exército Português, 2009).

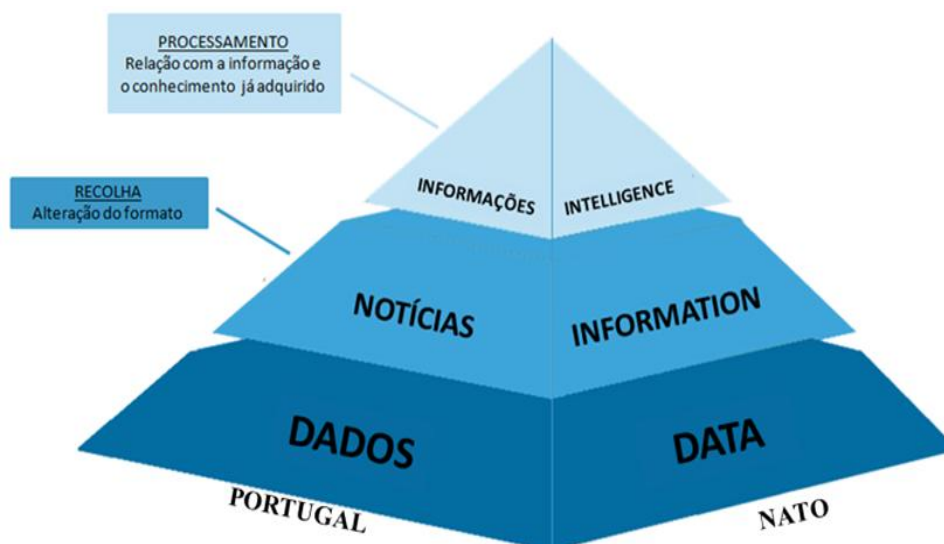


Figura 1 – Pirâmide conceitual das Informações (Portugal e NATO)

Fonte: Costa (2019)

Face ao exposto, pode-se deduzir que as Informações possuem uma base empírica e teórica materializada através de um conjunto de procedimentos encadeados. Desta forma, conclui-se que a produção de conhecimento assenta num processo sistémico e estruturado de tratamento de todas as notícias disponíveis, com a finalidade de identificar a que é relevante, pesquisar a omissa ou inexistente e processar aquela que se julga necessária (Sancha, Isidoro, Brito, Parreiras, & Silva, 2019).

Goldaman (2006, p. 79) define, entre outras concetualizações, as Informações como sendo a “função, atividades ou organizações que estão envolvidas no processo de planear, recolher e analisar informação de valor potencial para os decisores e para a produção de Informações”, salientando ainda, que a mesma é produto de um processo cíclico. A este processo é dada a designação de Ciclo de Produção de Informações (CPI) (Exército Português, 2009).

#### 1.1.1.1. Ciclo de Produção de Informações

O CPI, apesar de ser intuitivo numa representação gráfica (Figura 2), na verdade, apresenta uma complexidade intrínseca, na medida em que é constituído por um significativo número de processos, atividades e procedimentos que ocorrem simultaneamente por vários subciclos, que operam em diferentes níveis e com diferentes velocidades onde é visível a sobreposição de tarefas (NATO, 2016).

Não obstante, apesar de realçada a relevância do mesmo, em ambientes diversos, nomeadamente no académico, não reúne consenso, quer nas fases que o constituem, quer no papel interventivo dos próprios decisores no ciclo. Assim, e de acordo com Menezes

(2012, p.19) infere-se que “o modelo do CPI, apresenta várias críticas de onde sobressai a falta de comunicação entre os sistemas de informações (SI) e os decisores, principalmente entre a pesquisa e a análise” (Menezes, 2012, p. 19).

A doutrina em vigor no Exército Português, salienta que o CPI “é uma sequência das atividades de Informações na qual a notícia é obtida, transformada em informação e explorada” (2009, pp. 3-1), sendo composto por quatro fases distintas, como podemos observar na Figura 2, tendo assumido e alinhando com a visão concetual da NATO.

Nesta sequência, identifica-se que cada fase do CPI deve procurar estar sincronizada com o processo de tomada de decisão do comandante e com as decorrentes necessidades da conduta das operações, de modo a contribuir direta ou indiretamente para o cumprimento da missão. Este ciclo acaba por ser uma forma de compreender e “coordenar as múltiplas atividades envolvidas na produção de informações, bem como a inter-relações existentes nas várias etapas. O processo de produção de informações pode ser interrompido durante o seu ciclo e não existem limites rígidos a definir os pontos em que cada fase do ciclo se inicia ou conclui” (Exército Português, 2009, p. 41).

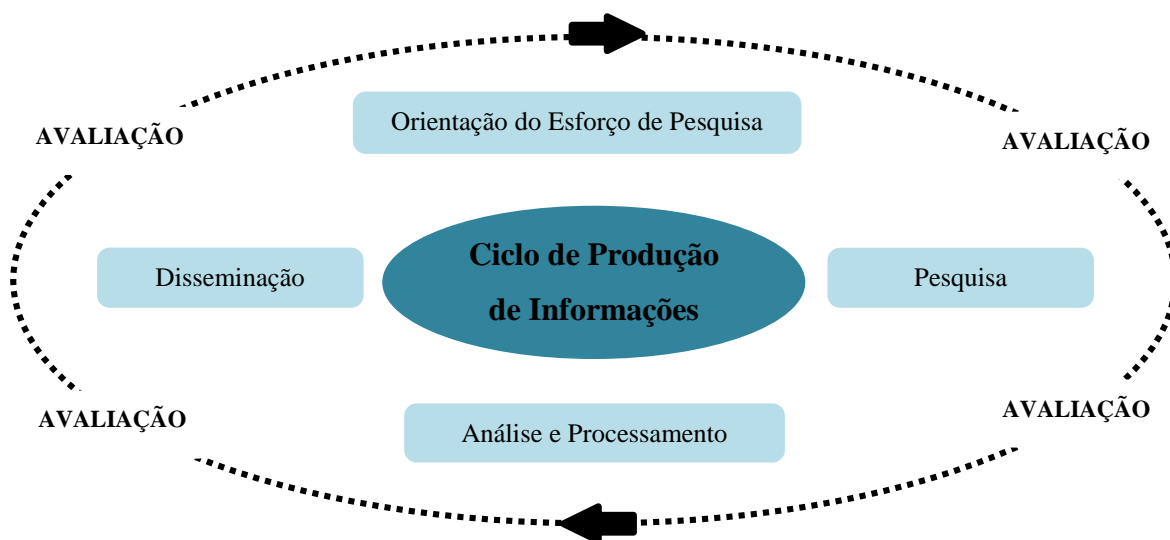


Figura 2 – Ciclo de Produção de Informações

Fonte: Adaptado de AJP 2.0 – Allied Joint Doctrine for Intelligence, Counter-Intelligence and Security (NATO, 2016)

De acordo com a doutrina em vigor no Exército, a primeira fase, *Orientação do Esforço de Pesquisa*, consiste na identificação das “necessidades de informações, no planeamento do esforço de pesquisa, na emissão de ordens e pedidos aos órgãos de pesquisa e na manutenção de uma contínua verificação da sua produtividade” (Exército Português, 2009, p. 43). Na mesma linha de pensamento, a NATO salienta o facto desta

etapa se centrar na priorização de requisitos, assim como no planeamento e atribuição de recursos, acompanhado de uma clara definição dos objetivos a alcançar e o seu normal controlo (NATO, 2016 citado em Sancha, Isidoro, Brito, Parreiras & Silva, 2019). Para o estudo em análise, assume esta segunda fase o foco essencial, ainda que o processo e análise da eficiência não possa ser efetuado exclusivamente tendo como referência apenas esta. Nesse sentido, identifica-se a *Pesquisa* como sendo a segunda fase do CPI e é definida como a exploração dos meios ou recursos disponíveis, pelos órgãos de pesquisa e a consequente entrega da informação obtida, à unidade de processamento apropriada para que se criem as condições para poder analisar e processar a informação, tendo em vista a posterior produção de Informações. Em suma, é a fase na qual a informação é pesquisada, tendo em vista “responder às necessidades de informações do comandante, identificadas na fase de orientação do esforço de pesquisa do CPI” (Exército Português, 2009, p. 48). Ainda este salienta que este processo de pesquisa é dividido em três partes:

- i. “Gestão das necessidades de pesquisa através do desenvolvimento e execução de um plano de pesquisa;
- ii. A exploração dos meios pelas origens e órgãos de pesquisa pela célula de informações;
- iii. A entrega oportuna das notícias pesquisadas pelas origens e órgãos à fase seguinte do CPI, onde esta será processada em informações”.

Neste sentido, e tal como teremos oportunidade de compreender neste estudo, quando forem abordados os princípios das Informações, a oportunidade no apoio à tomada de decisão, a capacidade de resposta e o controlo centralizado dos recursos ou meios disponíveis assumem extrema relevância no cumprimento da missão.

A terceira fase, *Análise e Processamento*, é a etapa onde a informação recolhida é transformada em Informações. O processamento é realizado tendo como base os seguintes passos: registo, avaliação, análise, integração e interpretação (Exército Português, 2009, pp. 55-58). Este processamento é contínuo e pode gerar outros requisitos para a pesquisa, mesmo antes da disseminação das Informações (NATO, 2016).

A última fase, *Disseminação* “é definida como a disponibilização oportuna de uma notícia ou informação, numa forma apropriada e através de meios adequados, àqueles que delas necessitam” (Exército Português, 2009, p. 60).

Não obstante, Silva (2018) considera que o CPI “traduz o resultado do processo de produção de conhecimento, tendo como cliente, o decisor em diferentes níveis. Face à mutabilidade, complexidade e diversidade de fatores inerentes à própria decisão”, este

autor confrontou diversas perspectivas das etapas do processo de produção de conhecimento, e concluiu que independentemente dos passos do CPI, a existência permanente de uma avaliação de quem efetivamente produz, quer do *feedback* de quem orienta, são fundamentais para assegurar a celeridade e objetividade que as Informações carecem.

### 1.1.1.2. Qualidade das Informações

A existência de um bom produto de Informações não assegura, por si só, uma decisão acertada. A decisão compete sempre ao decisor, que tendo em consideração um conjunto de fatores intrínsecos e extrínsecos a si próprio, a faz. Não obstante, devem as Informações resultantes deste ciclo, ser um produto *actionable*, ou seja, conseqüente, para que qualquer decisor tenha o que necessita para tomar as decisões mais acertadas e esclarecidas, e assim, constituir-se como um importante contributo para garantir a vantagem aos decisores.

Face à inexistência de doutrina nacional e da NATO, que qualifique de forma objetiva ou paramétrica o nível do produto das Informações, julgamos pertinente adotarmos o racional previsto nos EUA para o efeito (EUA, 2013, pp. II-7), de modo a compreender de que modo é expectável que uma célula de Informações pode prestar um apoio útil a um comandante de uma FND empregue num TO complexo como o da RCA.

Quadro 1 – Conceito dos Indicadores do Produto das IM

CARACTERÍSTICAS	CONCEITO
<b>Antecipatórias</b>	As células de informações devem ter a capacidade de antecipar as necessidades de informação do Comandante e do pessoal da força, para apoiar no planeamento e na tomada de decisão. Exige que a célula de informações identifique e compreenda completamente a missão e a intenção do Comandante.
<b>Oportunas</b>	As informações devem estar disponíveis quando o Comandante assim o exigir. As informações oportunas permitem ao Comandante antecipar eventos na área operacional.
<b>Precisas</b>	As informações devem ser faturalmente corretas, transmitir a situação como realmente é, procurando fornecer uma compreensão do Ambiente Operacional.
<b>Completas</b>	As informações completas devem, na medida do possível, responder às perguntas do Comandante, sobre o adversário e outros aspetos do Ambiente Operacional que possam impactar no cumprimento da missão.
<b>Relevantes</b>	As informações devem ser relevantes para o planeamento e para a execução da operação, auxiliando o Comandante no cumprimento da missão. Devem contribuir para o entendimento do Ambiente Operacional, em traços gerais, e da ameaça, em particular.
<b>Objetivas</b>	Devido ao impacto decisivo e conseqüente das informações nas operações é importante que as mesmas sejam objetivas e conseqüentes ( <i>actionable</i> ).

<b>Disponíveis</b>	As informações devem estar prontamente acessíveis ao Comandante. A disponibilidade é uma função de classificação de segurança e interoperabilidade apropriada.
--------------------	--

Fonte: Adaptado de EUA (2013, p. II-7 citado em Sancha, Isidoro, Brito, Parreiras, & Silva, 2019)

Resumindo, o produto das informações deve procurar de forma contínua e sistemática assegurar uma capacidade interventiva e, principalmente, fornecer apoio às operações e à tomada de decisão de um Comandante, ainda que, não se assuma indispensável à mesma.

### **1.1.1.3. Princípios, níveis e tipos das Informações**

No seguimento do que tem vindo a ser referido, pode-se inferir que as Informações devem procurar respeitar alguns princípios orientadores que regem o seu próprio propósito. Neste sentido, recorrendo à doutrina em vigor no Exército Português (2009, pp. 1-3 - 1-4), é necessário enumerar os oito princípios que orientam todo o processamento e produção de informações.

O primeiro princípio é o *Controlo Centralizado*. Este refere que as informações devem ser conduzidas de forma controlada de modo a evitar duplicações de trabalho sem autorização, bem como, conferir todo o apoio e utilização eficiente de todos os recursos disponíveis. O segundo princípio é o da *Oportunidade*, dado que as informações deixam de ser pertinentes se chegarem ao destino após o tempo certo, ou seja após o tempo útil. Do mesmo modo, a forma como são atribuídas as indicações de procura às fontes e órgãos, têm de ter a capacidade de produzir, dentro do tempo, alterações relevantes nas exigências ou prioridades de Informações. O terceiro princípio é a *Exploração Sistemática*, que identifica que as fontes e órgãos devem ser esmiuçados de forma frequente e “metódica”, de acordo com a noção das competências e limitações; *Objetividade* é o quarto princípio, que refere que é essencial defender a tentativa de alterar ou mesmo ocultar a informação para fomentar opiniões concebidas anteriormente. O quinto princípio é a *Acessibilidade*. Este princípio indica que as Informações importantes devem ser postas à disposição de imediato dos órgãos de Informações e dos respetivos utilizadores. As Informações não têm nenhuma importância e validade se não forem difundidas ou não forem de acesso fácil para aqueles que delas precisam. A *Capacidade de Resposta* é o sexto princípio das Informações. Este, por sua vez, refere que os órgãos de Informações devem adiantar-se e ter autonomia de resposta às perguntas do Comandante, durante todo o processo. O sétimo

princípio é a *Proteção da Fonte*, onde todas as origens ou fontes de Informações devem e têm direito à proteção. O último princípio é a *Revisão Contínua*, que defende que as informações têm de ser revistas frequentemente onde é importante, comparando a informação nova com a informação já existente (Exército Português, 2009, pp. 1-3 - 1-4).

Nas Informações importa realçar qual a sua finalidade e a quem o produto se destina, o que obriga a sua classificação em três **níveis** diferentes: estratégico, operacional e tático (NATO, 2016, pp. 3-1). Estes níveis distinguem-se da seguinte forma: o nível estratégico é o responsável pelas Informações que apoiam decisões estratégicas, políticas e militares (Ministério da Defesa Nacional (MDN) e Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA)); o nível operacional refere-se às Informações utilizadas para o planeamento das operações militares (Comando Conjunto para as Operações Militares (CCOM) e Ramos (Estados-Maiores e Comandos de Componente)); o nível tático engloba as Informações direcionadas para o planeamento e condução instantânea das operações (comandantes das unidades táticas) (Serra, 2003, p. 7).

No que diz respeito ao **tipo de Informações**, em cada nível acima referido podemos dividi-las em três tipos, *Informações Básicas* são as Informações aprofundadas sobre determinado tema, sendo atualizadas frequentemente e mantidas em bases de dados específicas durante as operações ou mesmo em tempo de paz. *Informações Correntes* podem ser classificadas como Informações que são elaboradas como resposta às necessidades de Informações de operações correntes e que se referem a eventos marcados durante a operação. *Informações sobre Objetivos* são as Informações que caracterizam um objetivo ou um conjunto de objetivos e relatam as fragilidades e a importância dos mesmos (Exército Português, 2009, pp. 1-7).

#### **1.1.1.4. Disciplinas das Informações**

A taxonomia encontrada para enquadrar conceitualmente os diferentes modos de emprego de meios ou sistemas para recolher informação, através da observação, deteção, registo e transmissão de notícias/informação sobre condições, situações ou acontecimentos foi através da definição de disciplinas (Exército Português, 2009, p. 32).

Um exemplo de recolha de informação são os métodos como o da espionagem, através de ações levadas a cabo por agentes encobertos ou infiltrados, ou fotografias aéreas tiradas a partir de *drones*, ou ainda, a interceção de comunicações e a pesquisa em documentos públicos (Shulsky & Schmitt, 2002).

Nesta conformidade, e com base na doutrina nacional, existem cinco disciplinas das Informações, quando consideras as Informações em Fontes Abertas (OSINT - *Open Source Intelligence*) – pela pertinência da informação disponível em fontes abertas no atual ambiente operacional (Richard A. Best & Cumming, 2008). As restantes disciplinas são a Informação através de fonte Humana (HUMINT – *Human Intelligence*), Informação de Imagens (IMINT – *Imagery Intelligence*), Informação de Transmissões Electromagnéticas e Comunicações (SIGINT - *Signals Intelligence*) e Informação de Medição e Assinatura Electromagnética (MASINT - *Measurement and Signature Intelligence*) (Exército Português, 2009).

Assim, para este estudo, consideram-se as seguintes disciplinas:

- (i) *Human Intelligence* (HUMINT) – a HUMINT caracteriza-se por ser uma atividade desenvolvida de forma secreta, devido à necessidade de conservar e garantir proteção das fontes, na procura pelo poder da informação (Bispo, 2004, pp. 81-82). O conceito de *Human Intelligence* é de origem anglo-saxónica e, de modo a entendê-lo e evitando traduções erradas, deverá esta disciplina das Informações ser contextualizada de forma estrita como: Informações Humanas (Rêgo, 2014).

Assim, a informação obtida através de fonte humana é a informação classificada como a obtenção de informação através do contato entre especialistas de Informação Humana e fontes humanas presentes no TO. É utilizada a origem humana como chave e uma panóplia de métodos de pesquisa, para adquirir fatores que respondam às perguntas do comandante e à sobreposição com diferentes origens de notícias (Exército Português, 2009). Como tal, a atividade de HUMINT utiliza fontes humanas para obter informação, que permita ser confirmada, completada por outra tipologia de pesquisa e comparada com outra informação, de modo a garantir ao comandante uma informação mais fidedigna, tendo em vista apoiar a sua decisão (Silva C. , 2019, p. 14). Também Menezes (2012), considera que a HUMINT é o método mais antigo de procura de informação, tendo origem em fontes humanas e revelando-se como a disciplina mais eficaz para a evolução a longo prazo contra o conflito assimétrico<sup>2</sup>. Num ambiente operacional de combate em ambiente urbano, onde a ameaça é confundida e

---

<sup>2</sup> Conflito assimétrico remete a um processo comparativo de forças que decorre em desigualdade nos diversos níveis

dissimulada na população, o fator humano marca a diferença na obtenção de informação, constituindo-se deste modo esta disciplina como uma importante ferramenta e competência a explorar pelas células de informações das FNDs.

- (ii) *Open Source Intelligence* (OSINT) – são as informações obtidas através da recolha de informação com potencial valor disponível em fontes abertas, ou seja, de acesso ao público em geral (NATO, 2016), sendo obtida através de jornais, revistas, rádio, televisão ou *internet*. Os especialistas das Informações há muito que utilizam estas Informações para completar os estudos (Richard A. Best & Cumming, 2008).
- (iii) *Imagery Intelligence* (IMINT) – é definida como a informação que utiliza imagens recolhidas por sensores óticos, infravermelhos e radares adaptados em plataformas que se encontram localizadas nas quatro dimensões: terra, mar, ar e espaço. Por conseguinte, os sensores permitem criar diferentes produtos, tais como imagens óticas, eletrónicas e digitais, filmes ou vídeos, entre outros apoios visuais. A informação resultante da imagem é objetiva, exata e evidente, e estas por sua vez servem como confirmação e acréscimo de informações obtidas por origens diferentes. A IMINT serve como auxílio do comandante na direção e na conservação do potencial de combate. É das únicas disciplinas das Informações, juntamente com HUMINT, que permite realizar uma vigilância do espaço de batalha em tempo real. Para além disso, pode ainda ser utilizada para realizar atualizações de mapas ou produzir sistemas de referência gráfica onde são precisos meios digitais, de forma a garantir a atualização necessária para apoiar o planeamento (Exército Português, 2009, pp. 2-3 - 2-4).
- (iv) *Signals Intelligence* (SIGINT) – As Informações obtidas através de Comunicações e as Informações Eletrónicas são designadas por SIGINT. Se fizermos uma separação, verificamos que as Informações de Comunicações se designam por COMINT (*Communications Intelligence*) e as Informações Eletromagnéticas por ELINT (*Electronic Intelligence*). Assim, COMINT é a informação com origem na interceção de comunicações rádio e sistemas de comunicações e de diferentes características técnicas dessas transmissões, e por sua vez, ELINT, é a informação com origem na interceção de emissões eletromagnéticas, como por exemplo, ajudas à navegação e radares, que não comunicações efetuadas pelo rádio, assim como das suas diferentes

características técnicas. As SIGINT permitem o fornecimento de informações importantes para o *targeting* o que possibilita combater o inimigo. Habitualmente, os meios SIGINT estão ao dispor dos altos escalões e departamentos governamentais (Exército Português, 2009, pp. 2-6).

(v) *Measurements and Signature Intelligence* (MASINT) – as Informações obtidas através de Medição e Assinatura Eletromagnética (MASINT) é o produto proveniente da aquisição após uma análise de diferentes itens, como por exemplo, métricos, espaciais, comprimento de onda, dependência do tempo e modulação, com origem em objetos e fontes estáticas ou dinâmicas, que permitem a deteção, localização e identificação. A MASINT utiliza meios como o espectro de radiometria de radar, acústicos, radiofrequência e equipamentos para deteção Nuclear, Biológica, Química e Radiológica. Também dota o comandante com informação que permite obter uma melhor perspectiva da situação operacional, isto é, pode detetar bastantes técnicas de camuflagem atuais, como a ocultação inimiga. Apresenta, em contrapartida, uma reduzida capacidade de apoio ao nível tático, revelando-se como uma disciplina de nível estratégico, com a capacidade de contribuir para a análise da situação operacional<sup>3</sup> assim como para o *targeting* (Exército Português, 2009, pp. 2-6 - 2-7).

Apesar de algumas das disciplinas aqui mencionadas serem associadas a uma sociedade tecnologicamente desenvolvida, Silva (2019) salienta alguns aspetos que inevitavelmente importa referir: “excetuando a MASINT para o devido efeito, as restantes disciplinas são identificáveis desde há séculos passados. A recolha de informação através de fontes abertas remonta às origens dos primeiros manuscritos escritos”. No âmbito da HUMINT, este autor cita os esforços descritos no *Velho Testamento* ao lembrar a passagem: “[...] Moisés enviou-os para espiar a terra de Canaã [...]”. “Na vertente da SIGINT, nomeadamente a COMINT, poder-se-á recuar até ao tempo em que eram utilizados códigos visuais de bandeiras e sinais de fumos. Por último, no caso da IMINT identifica-se esta atividade através dos esboços e desenhos de castelos e cidades efetuados por espões da altura” (Silva C. , 2019, pp. 12-13).

Apesar das especificidades anteriormente explanadas a para cada uma das disciplinas, importa clarificar e destacar que as sinergias de atuação entre as mesmas

---

<sup>3</sup> Situação que define a condição de determinada unidade.

podem, e devem, ser asseguradas tendo em vista a redundância da informação recolhida. Quanto mais fontes de disciplinas diferentes confirmarem uma mesma informação, maior a probabilidade da mesma ser verdadeira. Assim, importa reter que uma qualquer disciplina das informações, independentemente do tipo de conflito - guerra convencional ou assimétrica - deve ser coordenada com outras para ser verdadeiramente eficaz na obtenção do conceito de Informações *actionable* ou Informações com consequência em apoio à decisão de um comandante.

## **1.2. Combate em Ambiente Urbano**

### **1.2.1. Enquadramento concetual**

O Combate em Ambiente Urbano (CAU) é um tipo de combate caracterizado pela elevada complexidade, dado que apresenta as operações mais mortíferas que um comandante pode planear e executar (Exército Português, 2011). Mesmo com armas e equipamentos tecnológicos e modernos, que facilitam o combate a distâncias cada vez maiores da ameaça, o espaço confinado e confuso do ambiente urbano obriga a que o combate tenha de ser travado, rua a rua, casa a casa, metro por metro. O CAU é complexo, cansativo e acontece perto da ameaça, tendo como resultado batalhas sangrentas. (Exército Português, 2011).

Para a NATO, o CAU representa operações militares planeadas e executadas num complexo topográfico e em terreno adjacente, onde os tipos de construção ou a relativa densidade populacional são as principais características (NATO, 2016). Esta é a definição mais atual dado que a publicação da NATO é mais recente do que o manual de CAU, visto que o mesmo se encontra a ser reformulado e atualizado.

### **1.2.2. Caracterização do Combate em Áreas Edificadas**

O CAU apresenta uma panóplia de elementos caracterizadores tais como a classificação das áreas edificadas. Esta classificação é subdividida em grandes metrópoles e megalópoles, que apresentam uma “população superior a dez milhões de habitantes, pelas metrópoles com população entre um milhão e dez milhões de habitantes, pelas cidades que possuem uma população entre cem mil a um milhão de habitantes”, por vilas com população entre três mil a cem mil habitantes, por aldeias com população inferior a três mil habitantes e por faixas urbanizadas que apresentam uma conexão com aldeias, vilas e

idades. Deste modo, verifica-se a existência de diferentes tipos de construção de edifícios com características diversas (Exército Português, 2011).

Em contrapartida, a NATO apresenta estas características afirmando que as três definições, *Population – Physical Terrain – Infrastructure*, são inseparáveis, mas afirma também que é errado ignorar o *Weather and Climate – Threats – Media*, verificando-se assim, que estes conceitos são essenciais para caracterizar uma área urbana. A População de uma zona urbana é um fator bastante significativo na caracterização do Ambiente Operacional. O Terreno é constituído por estruturas de diferentes tipos, formas e aspetos, composto por vários materiais e com uma disposição ordenada ou aleatória. Os aspetos Meteorológicos e Climatéricos podem ter alguns efeitos importantes e podem ter impacto ao nível tático. Por exemplo, a chuva e a neve podem inundar os canais subterrâneos, como os túneis ou esgotos, mas por outro lado as cidades localizadas nas zonas costeiras ou perto de rios, tendem a criar nevoeiro o que pode ter influência na mobilidade. Na atualidade, as ameaças revelam-se mais complexas e têm de ser sujeitas a uma análise cada vez mais exaustiva. Existem variadíssimos exemplos de novas ameaças como o conflito étnico, a quebra da ordem política, o terrorismo transnacional, o crime organizado e a proliferação de armas de destruição maciça. Os Meios de Comunicação, grande parte das vezes, trabalham em estreita ligação com a população afetada (NATO, 2016)

O CAU apresenta determinadas características, devendo-se tal ao facto de possuir um campo de batalha multidimensional em consequência da disposição dos edifícios e pelo facto do combate ter de ser travado em andares, coberturas de edifícios, em caves e canais subterrâneos. Os combatentes têm de ter a capacidade de adequar as técnicas de combate consoante os variados tipos de terreno urbano que possam surgir durante a execução da operação (Exército Português, 2011).

De acordo com a NATO, é usado o mesmo conceito que em Portugal sublinhando que a análise do combate em ambiente urbano necessita de uma compreensão multidimensional. Isto é, baseia-se no espaço aéreo e na área de superfície, mas também nos canais subterrâneos e nas coberturas dos edifícios, que são importantes para a operação e, deste modo, têm de ser analisados e devem fazer parte do planeamento (NATO, 2016).

### 1.2.3. Princípios orientadores do Combate em Áreas Edificadas

Segundo o Exército Português (2011), os princípios aplicados na execução de operações ofensivas<sup>4</sup> e defensivas<sup>5</sup> em situações convencionais são igualmente válidos no combate em ambiente urbano. Apesar disso, é importante sublinhar alguns deles devido às características específicas do ambiente urbano. Nas operações de CAU, o comandante deve aplicar os seguintes princípios: *Planeamento simples* - é essencial ser-se objetivo no planeamento, ou seja, ser o mais simples possível. Quanto mais simples e acessível for o planeamento do comandante, mais facilmente vai ser compreendido e executado pelos seus subordinados; *Controlo* - como o CAU apresenta características de extrema dificuldade, o comandante deve planear medidas de coordenação o mais detalhado possível, assim como deve criar sinais próprios para liderar durante o calor da batalha; *Ímpeto* - é a essência do CAU, devendo existir uma preocupação exaustiva em mantê-lo, com o intuito de destruir a ameaça através do choque, dado que o CAU é conhecido pela brutalidade e por ser imprevisível, sendo errado dar primazia à velocidade em detrimento do controlo; *Apoio de Fogos* - nunca se deve ignorar a utilização dos fogos de apoio, sendo impensável atacar uma determinada área urbana sem anteriormente esta ter sido flagelada pelos fogos de apoio.

Segundo a NATO, os princípios das operações em ambiente urbano que a mesma aborda são os seguintes: *Abordagem Sistemática* - definida pela *Understand, Shape, Engage, Consolidate and Transition*; *Integração* todos os meios letais e não letais devem ser tidos em conta para a conjugação de uma força conjunta e combinada com o intuito de atingir o objetivo; *Flexibilidade* - de acordo com a complexidade do combate em ambiente urbano e pelo facto de ser um combate multidimensional com um inimigo que utilizam táticas irregulares, a força conjunta e combinada deve ter a capacidade de se adaptar ao ambiente; *Controlo* - isolar rigorosamente o ambiente urbano, devendo controlar-se a passagem de pessoas, material e informação que possam trazer vantagem ao inimigo; *Proteção* - definir a autonomia e a proteção dos setores urbanos, procurando criar um ambiente seguro através da amizade e lealdade da população e, deste modo, evitar o acesso do inimigo à população e aos recursos essenciais (NATO, 2016).

---

<sup>4</sup> As operações ofensivas são as operações militares executadas pela força que toma a “iniciativa de destruir o inimigo ou conquistar terreno” (Exército Português, 2012).

<sup>5</sup> “As operações defensivas procuram garantir o insucesso do ataque inimigo, derrotar as suas forças, ganhar tempo, economizar forças e criar condições favoráveis para conduzir operações ofensivas ou de estabilização” (Exército Português, 2012).

Em suma, verificamos diferenças entre a doutrina nacional e a doutrina NATO, nomeadamente no que diz respeito à flexibilidade e proteção da doutrina NATO, e do ímpeto e apoio de fogos da doutrina portuguesa.

### **1.3. Ambiente Operacional**

#### **1.3.1. Enquadramento concetual**

“O ambiente operacional é caracterizado por ser um conjunto de condições, circunstâncias e fatores influenciadores que impactam com o emprego de forças militares e consequentemente, influenciam as decisões do comandante. Para além de todos os sistemas inimigos, adversários, amigos e neutrais dentro do espetro do conflito<sup>6</sup>, inclui também o entendimento do ambiente físico, da governação, da tecnologia, dos recursos locais e da cultura da população local” (Exército Português, 2012).

Para uma melhor compreensão do ambiente operacional, é necessário observar e analisar a atualidade dos diversos contextos associados a um respetivo TO. Neste âmbito, temos necessariamente de identificar um conjunto de transformações, a nível local e global que, embora tenham proporcionado condições de progresso e desenvolvimento, têm gerado situações de instabilidade e de conflitos persistentes. Estes conflitos se forem prolongados no tempo, apresentam características ou elementos, que podem causar impacto ou afetar as operações de forças militares<sup>7</sup>, nomeadamente, a globalização, tecnologia disponível, “alterações demográficas, urbanização, aumento das necessidades de recursos essenciais, alterações climáticas e catástrofes naturais, actores locais ou regionais, actores da ameaça, proliferação de armas de destruição massiva e os estados falhados” (Exército Português, 2012).

A volatilidade e difusidade com que a ameaça contemporânea se caracteriza (salientado anteriormente neste estudo), carece e subsiste da necessidade de anonimato através da imiscuição e dissimulação entre o normal cidadão, verificando-se uma globalização da ameaça caracterizada pela deslocalização dos conflitos para os centros urbanos (Silva, 2019). Assim, vê-se comprovada a complexidade associada ao desenvolvimento de operações militares em ambiente urbano, onde o risco de causar danos colaterais assume significativa importância ou então um papel fundamental.

---

<sup>6</sup> “Abrange o nível de violência desde a paz estável até à guerra total. Inclui, nos seus níveis intermédios, a paz instável e a subversão” (Exército Português, 2012, p. 2-1).

<sup>7</sup> “Forças militares organizadas, instruídas e equipadas em condições de poderem conduzir, por períodos prolongados, operações táticas em ambiente terrestre para ganhar, manter e explorar o controlo sobre o terreno, os recursos e a população” (Exército Português, 2015, p. A-1).

De acordo com a Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 3-00, estas ameaças podem dividir-se em quatro categorias: “tradicionais, irregulares, catastróficas e desestabilizadoras. No entanto, [...] elas são insuficientes para caracterizar os atuais e futuros adversários, uma vez que estes poderão assumir qualquer uma ou todas as categorias simultaneamente, de acordo com as suas intenções” (Exército Português, 2012, p. 1-6).

Tendo em conta estas tendências de mudança, aliadas ao volume, variedade e velocidade com que a informação circula, é possível identificar o aumento da complexidade do ambiente operacional e assim perspetivar o impacto que este poderá ter na análise da importância das informações no apoio às operações desenvolvidas num TO como o da RCA (Exército Português, 2012).

### **1.3.2. Caracterização do ambiente operacional da RCA**

Para um comandante compreender o emprego das Forças Terrestres (FT), é essencial recorrer a uma visão global do ambiente operacional, abrangendo as áreas e fatores físicos, e todo o ambiente informacional. É importante conhecer as condições necessárias para atingir os objetivos definidos, com o intuito de evitar os efeitos que podem afetar a missão e procurando prever o impacto nas forças amigas, nos adversários, nos atores relevantes e na população local, consubstanciando o estado final desejado (US, Army, 2014).

Deste modo, neste capítulo vamos proceder à caracterização da RCA, inicialmente através de uma sùmula da gènese da conflitualidade na RCA, e posteriormente de uma análise das variáveis política, militar, económica, social, ambiente físico e ameaça.

#### **1.3.2.1. A gènese do conflito na RCA**

A RCA foi uma colónia francesa, que conseguiu a sua independência em 1960. Desde essa altura, passou por vários regimes autocráticos e diversas “trocas de poder de maneira violenta” (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016). O primeiro líder da RCA foi David Dacko, tendo estado no poder cerca de seis anos, acabando por ser substituído por Jean-Bédél Bokassa em 1966. Bokassa liderou a RCA entre 1966 a 1979, acabando por ser substituído em 1979 por David Dacko (Boas, 2014, p. 2).

No ano de 1993, foram organizadas eleições pelas Nações Unidas (NU). Durante a transferência de poder a França, devido às suas antigas relações coloniais, supervisionou as

alterações executivas provocadas pela mudança de poder. Desde esta data, verificou-se vários confrontos entre grupos armados, com o objetivo de alcançar o poder levando a dois golpes de estado bem-sucedidos (Lombard, 2016).

Em 2003, foi instalado o governo de Bozizé, com o apoio de vários países vizinhos e principalmente da França, tendo este governo ficado conhecido pela prática de eleições fraudulentas e corrupção, bem como, pela grande instabilidade em que deixou a RCA, e conseqüente aumento da insegurança. Em 2005, verificou-se o aumento de rebeldes no norte do país, nomeadamente nas zonas rurais, assim como, várias acusações de violação dos direitos humanos por parte das Forças de Segurança da RCA (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

No final de novembro de 2012, nasceu a coligação rebelde *Séléka* após a junção de três ex-coligações. Esta coligação acusava o governo de Bozizé de não cumprir o prometido em 2007, apresentando um conjunto de queixas que vão desde a libertação de presos políticos até à corrupção e abuso de poder do Bozizé. Os *Séléka* começaram por controlar a Província de Haute-Kotto, na fronteira com a República do Sudão, no entanto estendeu-se a uma série de vilas e cidades, incluindo o centro de diamantes de Bria, Bambari e Sibut, situada a cerca de 150 quilómetros de Bangui (Boas, 2014, p. 3).

No início de 2013, o governo da RCA chegou a um acordo de paz com os rebeldes. No entanto, os *Séléka* conseguiram depor François Bozizé no mesmo ano, proclamando como líder Michel Djotodia. Djotodia, devido à situação difícil do país, não conseguiu manter a aliança e, deste modo, grande parte dos membros da aliança, tiveram de permanecer na RCA. Como possuíam armas começaram a assaltar a população local. Dado o panorama, a população constituída na sua maioria por cristãos, formou milícias com o nome de *Anti-Balaka*, com o objetivo de enfrentar o grupo rebelde de maioria muçulmana (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

Os confrontos entre as duas comunidades levaram o país a mergulhar na destruição. Deste modo, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), através da Resolução 21278, de 5 de dezembro de 2013 aprovou a criação da Missão Internacional de Apoio na República Centro-Africana (MISCA), com o objetivo de repor a ordem no país (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

Catherine Samba-Panza, após a saída de Djotodia, foi escolhida para Presidente interina da RCA por um Conselho Nacional de Transição, assumindo a responsabilidade de repor a ordem no país. Com a tomada de posse de Samba-Panza, o CSNU a 10 de abril de 2014, aprovou uma operação de paz multidimensional chamada Missão Multidimensional

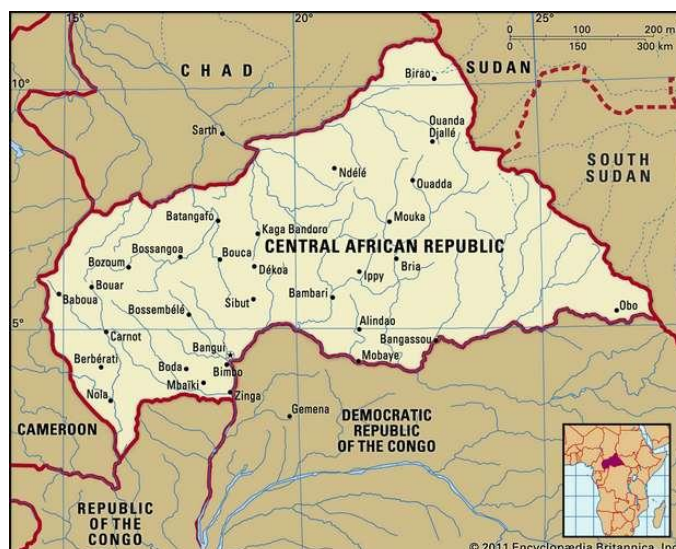
Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA) através da Resolução 214910. A MINUSCA obteve resultados visíveis logo após a sua implementação, com uma notória queda da violência, porém os conflitos entre *Anti-Balaka* e *Séléka* continuaram a ocorrer e o processo de desmobilização mostrou-se ineficaz, assim como as tentativas de pacificação entre as comunidades (Campos, Santos, Vieira, & Silva, 2016).

Em 2015, foram realizadas eleições, no entanto, nenhum candidato conseguiu a maioria absoluta, o que fez com que houvesse novas eleições no ano seguinte. Estas eleições deram a vitória a Faustin Archange Touadéra, atual presidente da RCA (CIA, 2020).

Atualmente, a RCA revela uma evolução notória, contudo a insegurança e os conflitos continuam a ser uma problemática neste país e a presença de Forças Internacionais ainda é uma constante (Encyclopædia Britannica, 2018).

### **1.3.2.2. Variável de análise: Ambiente Físico**

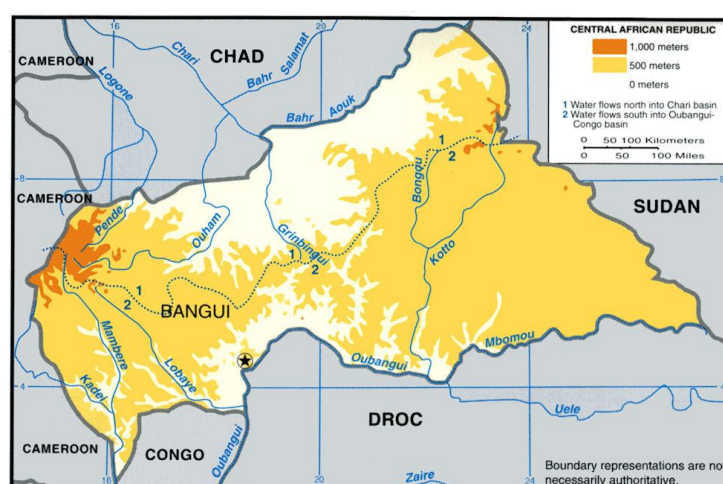
A RCA é um país do continente africano com uma área de 622 984 quilômetros quadrados. Faz fronteira a oeste com a República dos Camarões, a norte com a República do Chade, a sul com a República Democrática do Congo e com a República do Congo, e a este com a República do Sudão do Sul e a República do Sudão, conforme ilustrado na Figura 3, apresentando assim, 5 920 quilômetros de fronteiras terrestres. Tem como capital a cidade de Bangui, situada no sul do país. Possui 5.277.959 habitantes (Balogh, Besenyő, Miletics, & Vogel, 2016).



**Figura 3 – República Centro Africana**

**Fonte: (Encyclopædia Britannica, 2018)**

No que diz respeito ao terreno, a RCA apresenta um terreno em grande parte pouco acidentado e vasto, com colinas dispersas no nordeste e sudoeste, possuindo como ponto mais alto o Monte Ngaoui com cerca de 1410 metros e como ponto mais baixo o rio Oubangui com 335 metros (CIA, 2020), tal como se pode verificar na Figura 4. A RCA relativamente à Hidrografia, possui afluentes do rio Chari que ocupam grande parte da zona norte do país (cerca de um terço), no entanto, o principal rio é o rio Ubangui que ocupa o sul do país e que materializa a fronteira sul com a região da República do Congo (Encyclopædia Britannica, 2018).



**Figura 4 - Topografia e hidrografia da RCA**

**Fonte: (Global Security Org, 2018)**

Apresenta um clima predominantemente tropical, composto por duas estações, a seca e a chuvosa. A primeira ocorre entre outubro e fevereiro podendo estender-se até março e é caracterizada pelo ar seco, com temperatura médias que variam entre 18 e 40 °C de que resultam dias quentes e noites frias. Já a estação chuvosa ocorre entre março a novembro e caracteriza-se por fortes chuvas e nevoeiro matinal, apresentando temperaturas com um intervalo compreendido entre 19 e 30 °C (Encyclopædia Britannica, 2018). Segundo a CIA (2020), a RCA apresenta “invernos quentes e secos; verões suaves a quentes e húmidos”.

### 1.3.2.3. Variável de análise: Política

A RCA possui um governo tipo República Presidencial, tendo como atual presidente, desde março de 2016, Faustin Archange Touadera (CIA, 2020). No entanto, vive atualmente numa situação política frágil, com grande instabilidade interna, praticamente sem serviços públicos, fruto duma ineficácia do governo em garantir as condições básicas de bem-estar à sua população, não controlando, assim, a maior parte do território (Figueira J. , 2018).

A RCA divide-se administrativamente em prefeituras (Figura 5) e caracteriza-se, em termos de forma de governação, como uma república multipartidária.

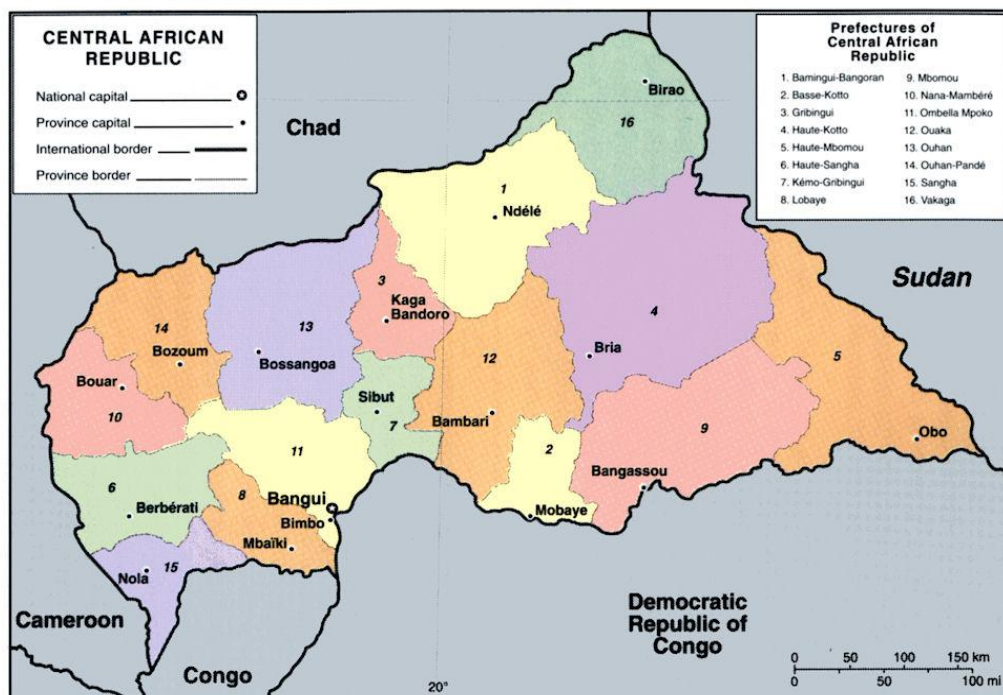


Figura 5 - Prefeituras da RCA

Fonte: (Global Security Org, 2018)

São frequentes as violações dos direitos humanos (HRW, 2018, pp. 125-126), pelo que a falta de segurança ainda é generalizada, verificando-se uma grande dificuldade de imposição da lei e ordem pública.

Fruto do passado recente, a RCA constitui-se, à luz da comunidade internacional, como um Estado Frágil<sup>8</sup> (FFP, 2017), verificando-se uma situação política atual bastante debilitada, de forte instabilidade interna, com uma quase inexistência de prestação de serviços públicos, resultando numa patente ineficácia do governo em providenciar as condições básicas de bem-estar à sua população.

#### **1.3.2.4. Variável de análise: Militar**

As Forças Armadas Centro Africanas (FACA) possuem estruturas incompletas e mal definidas, sendo constituídas, em parte, por elementos do grupo armado *anti-Balaka*, que utiliza meios e armamento das FACA, sem o consentimento do Governo, para ações próprias, constituindo assim as FACA uma força não-obediente ao Governo (Figueira J. , 2018).

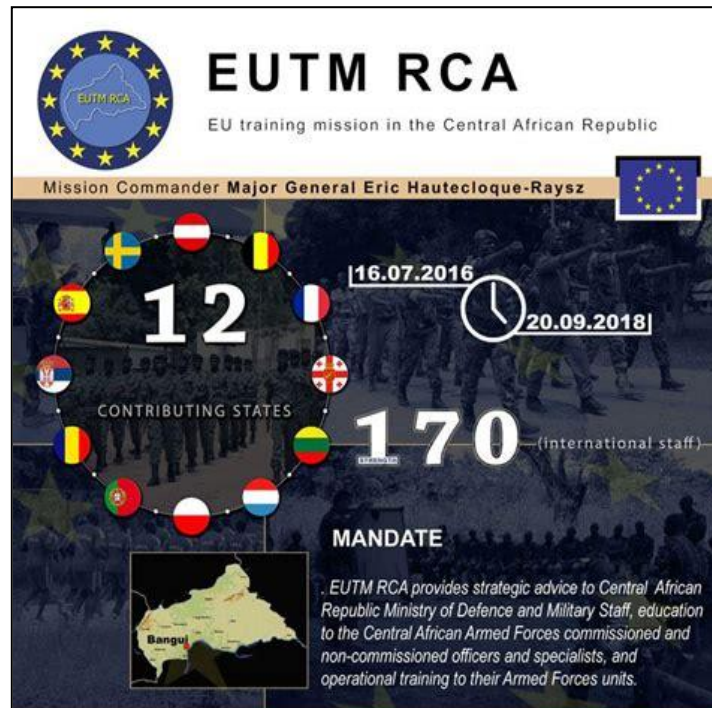
Existe grande falta de meios e de pessoal, possuindo apenas cerca de 8000 militares, não recebendo estes salários (McGrew, 2016). As forças de segurança (*Gendarmerie* e Polícia Nacional) não possuem recursos humanos nem equipamento para fazer face à totalidade de área atribuída.

A ONU, em 2014, acarretou com a carga salarial de vários elementos das forças de segurança, para além de fornecer equipamento básico e viaturas para que os mesmos conseguissem efetuar as suas tarefas básicas (McGrew, 2016, p. 10).

Estão presentes no território da RCA diversas Organizações Internacionais, principalmente a ONU desde 2013, sendo que atualmente se encontra representada através da força internacional MINUSCA (ONU, 2018) e, desde 2016, conta também com a União Europeia representada pela *European Union Training Mission in Central African Republic* (EUTM-RCA) (EEAS, 2018). A EUTM-RCA possui cerca de 170 elementos de 10 nações, contudo esta missão tem como objetivo ministrar treino operacional para formar elementos das Forças Armadas da RCA (FACA), mas também assessorar o Ministério da Defesa da RCA e o Estado Maior General do Exército (EEAS, 2018).

---

<sup>8</sup> Ocupando o terceiro pior lugar de 178 países em análise geral no estudo “*The Fragile States INDEX 2017*”, difundido pela organização *Fund for Peace*.



FACTS and FIGURES	
Mission Area:	BANGUI city and BOUAR
Headquarters:	Camp UCATEX (Bangui)
Mandate started:	July 2016
Mandate:	Expires 19 Sept 2020
Mission Force Commander:	OF-6 Eric PELTIER (FR)
Mission Strength:	181
Troop Contributing Nations (TCNs):	11 nations Bosnia and Herzegovina (BA), France (FR), Georgia (GE), Italy (IT), Lithuania (LT), Poland (PL), Portugal (PT), Romania (RO), Serbia (RS), Spain (ES) and Sweden (SE)
Mission Budget from 20 September 2018 to 19 September 2020 :	€25.4 million for the common costs


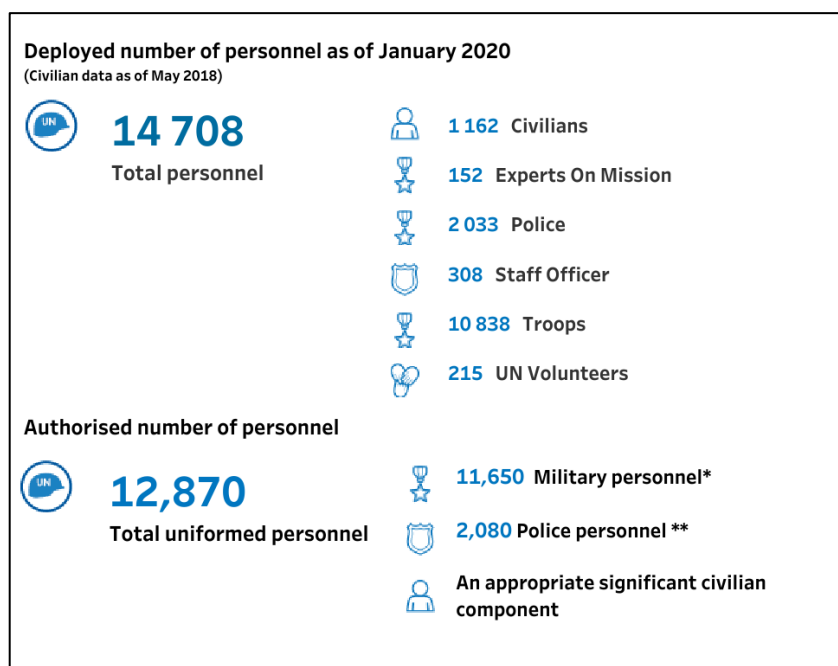


Figura 6 – Factos e dados da EUTM-RCA

Fonte: (EEAS, 2018)

A maior Organização Internacional presente na RCA é a ONU, através da MINUSCA, com cerca de 14.000 elementos, dos quais 12.870 são forças militares e policiais, realçando que a maior parte países contribuintes de forças são países africanos. (CIA, 2020).



**Figura 7 – Composição da MINUSCA em janeiro de 2020**

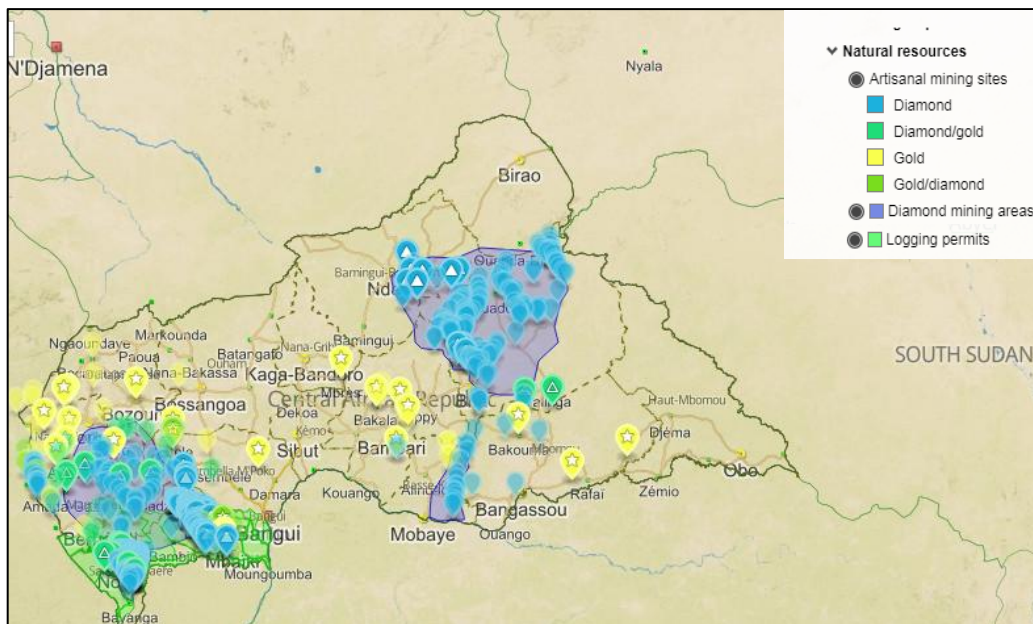
Fonte: (MINUSCA, 2020)

O objetivo principal é a proteção de civis e dos direitos humanos, promover o processo de transição, apoiar a ajuda humanitária, execução de justiça, Estado de Direito e Processo de Desarmamento, Desmobilização, Reintegração e Repatriação (DDRR) (ONU, 2018).

### **1.3.2.5. Variável de análise: Económica**

A RCA é um país com um território muito fértil e com extrema abundância de recursos hídricos. Estes recursos garantem um rendimento significativo da agricultura. Assim, a agricultura é a base da economia da RCA, representando mais de metade do Produto Interno Bruto (PIB)<sup>9</sup>. A RCA possui, ainda, uma grande riqueza de recursos minerais, nomeadamente, de diamantes que contribuem para a economia do país (Encyclopædia Britannica, 2018). Graças à grande instabilidade, a RCA caracteriza-se por uma “economia de guerra”, tendo-se verificado este modelo de economia mesmo antes do conflito, no entanto, agora agravado consideravelmente (Dukhan, 2016, p. 10).

<sup>9</sup> \$3.39 Bilhões, estimativa do ano 2017 (CIA, 2020).



**Figura 8 – Mapa dos recursos minerais na RCA**

**Fonte: (IPIS, 2014)**

A vincada instabilidade política permitiu que os grupos armados explorassem os recursos naturais e que obtivessem receitas da sua exploração através do contrabando, impostos e atribuição de licenças, tornando-se tal num incentivo para os grupos armados continuarem com os conflitos em vez de negociarem a paz (Dukhan, 2016, pp. 2-8, 38-40). A taxa de desemprego de 80% deve-se à inexistência de infraestruturas, daí que a taxa de crescimento de produção industrial seja de apenas 2% (CIA, 2020).

### **1.3.2.6. Variável de análise: Social**

A RCA tem como línguas oficiais o Francês, o Sango (língua franca e idioma nacional) e idiomas tribais, possuindo cerca de 80 grupos étnicos, nomeadamente os “Gbayas (33%), Banda (27%), Mandjia (13%), Sara (10%), Mboum (7%), e outros grupos (10%)” (CIA, 2020). No que diz respeito às crenças religiosas, a RCA está fragmentada em várias comunidades religiosas. Segundo a CIA (2020), 50% são cristãos (destes 50% metade são católicos e a outra metade protestantes), 35% são animistas e 15% são muçulmanos.

Mesmo sendo conhecida pelo seu conflito étnico-religioso, os líderes religiosos apresentam uma postura caracterizada pela procura de paz e reconciliação, procurando minimizar a cisão social que existe na atualidade (Dukhan, 2016, p. 17).

A violência e perseguição contribuíram para o aumento do número de pessoas em situação precária e sem abrigo. Em 2016, foram referenciadas cerca de 434.000 pessoas como refugiadas e 2,3 milhões de pessoas com necessidades elevadas de ajuda humanitária (Amnesty International, 2017).

Na RCA é notório um índice de mortalidade com valores expressivos, assim como, uma esperança média de vida baixa a rondar os 54,2 anos, devido a doenças relacionadas com a malnutrição ou com a malária. Possui também, um sistema de saúde fraco e incompleto (CIA, 2020).

### 1.3.2.7. Variável de análise: Infraestruturas

Na RCA é notória a falta de infraestruturas. Dos 20.278 quilómetros de estradas, só cerca de 1.400 quilómetros são pavimentados (CIA, 2020). A falta de estradas pavimentadas e de infraestruturas no país, que permitam a circulação de bens e pessoas tem afetado gravemente o comércio e indústrias (McGrew, 2016, p. 9). O território da RCA possui 39 aeroportos, no entanto, só apenas dois têm pistas de aterragem pavimentadas (CIA, 2020).

Relativamente ao sistema judicial, verifica-se uma falta vincada de capacidade para fazer face à larga escala de crimes. O sistema jurídico revela falta de pessoal, possuindo só 150 juízes e 40 advogados no que concerne ao ano de 2010, sendo estes, vítimas de ameaças e assassinatos (McGrew, 2016, p. 10).



Figura 9 - Vias de comunicação na RCA

Fonte: (Global Security Org, 2018)

A falta de escolas em funcionamento, conjugada com a inexistência de educadores qualificados, tem provocado uma atrofia no sistema educacional. A RCA não tem capacidade para manter os prisioneiros nas prisões, apresentando falhas na segurança, daí que as fugas de prisões aconteçam com relativa frequência (McGrew, 2016).

Apenas 3% da população tem acesso à rede elétrica (CIA, 2020).

#### **1.3.2.8. Variável de análise: Informação**

De acordo com a *British Broadcasting Corporation (BBC)* (BBC, 2017), na RCA o meio de informação mais utilizado é a rádio. A estação estatal de radiodifusão e televisão *Centrafrique*, possui inúmeras limitações na sua rede de transmissão em modulação de frequência (FM). A MINUSCA utiliza uma estação de rádio chamada por Guira FM, com acesso a partir da região de Bangui. Na região de Bangui, estão disponíveis emissoras internacionais como a *BBC World Service*, a rádio *France Internationale* e da rádio *Voice of America*. Existe uma adesão muito limitada aos jornais impressos dado que se verifica níveis de literacia muito baixos, assim como fraca capacidade de distribuição nas zonas mais rurais. Só cerca de 224.000 pessoas (aproximadamente 4.6% da população) na RCA tem acesso à *internet*, sendo que esse acesso se dá principalmente na região da capital (BBC, 2017).

No que respeita à imprensa escrita, as poucas que existem, resumem-se a boatos editoriais e à estação de *Rádio Ndeke Luka*, que conta com apoios da ONG suíça *Fondation Hironnelle*, sendo esta referenciada com uma capacidade de reportagem ajustada e adequada (RWB, 2018).

#### **1.3.2.9. Caracterização da Ameaça**

Na génese deste conflito podíamos identificar fatores associados à religião e a questões étnicas, no entanto, atualmente, o acesso e controlo dos recursos naturais, são o centro das dinâmicas que o alimentam, nomeadamente, no que respeita a diamantes, ouro e madeira (Global Witness, 2017).

Apesar das inúmeras tentativas para restabelecer a paz, diversos grupos armados continuam a exercer influência no território, definindo a RCA como um país fracionado. A dinâmica deste conflito tem sofrido mutações, nomeadamente, no que respeita à cisão dos dois principais grupos armados em múltiplos grupos rebeldes, cada um com os seus

objetivos e alianças oportunistas próprias, e o emergir de milícias populares desencadeado pelo aumento da violência sectária (Mouta, Correia, Balula, Viana, & Neves, 2018).

Neste seguimento, existem dois grandes movimentos que congregam diversos grupos armados que atuam no território, e que agem e estabelecem alianças de acordo com os seus próprios interesses e áreas de implantação. Por motivos de limitação de páginas, não nos é permitido fazer uma análise mais aprofundada sobre os diversos atores da ameaça com que a FND na RCA pode ter de ser confrontada. Não obstante, temos a consciência da existência de um número significativo de grupos, pelo que iremos de uma forma sucinta apenas caracterizar os dois movimentos rebeldes com maior expressão neste TO: movimento *Séleka* e movimento *anti-Balaka*.

O movimento *ex-Seleka* dividiu-se em diversas fações alinhadas com diferentes etnias, realocalizando-se no centro e no nordeste da RCA. Na sua maioria são grupos bem equipados, bem organizados e que se regem por padrões militares. Os *anti-Balaka* demonstram em todas as suas ações contra os *ex-Seleka*, um comportamento radical e violento, focado especialmente num ganho de curto prazo, despertando preocupações no sentido de não permitir a evolução deste movimento armado para um grupo estritamente de índole criminoso, motivado exclusivamente por interesses económicos e favorecendo a corrupção. Assim, podemos inferir que a violência entre muçulmanos e cristãos tem raízes sociais e económicas e não está diretamente relacionada com a ideologia religiosa (Mouta, Correia, Balula, Viana, & Neves, 2018).

Numa análise focada para este estudo, podemos identificar que o problema operacional pode ser traduzido pela incapacidade das Instituições Governamentais em garantir os pilares da segurança, governabilidade e desenvolvimento do país, tornando a RCA numa região onde emergem grupos armados, que desenvolvem atividades com vista à obtenção de mais-valias, esperando a oportunidade de obter um lugar nas negociações, tendo em vista posições de destaque em cargos políticos, militar ou de segurança. (Mouta, Correia, Balula, Viana, & Neves, 2018).

#### **1.3.2.9.1. Movimento *Séleka***

Os *Séleka* (“aliança” ou “coligação” em Sango), de origem maioritariamente muçulmana, tiveram na sua origem uma coligação de grupos armados que partilhavam um sentimento de marginalização político-económica, tendo sido formado em 2012, quando

algumas fações acordaram a possibilidade de uma coligação com o objetivo de derrubar o Presidente Bozizé (Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).



**Figura 10 - Combatentes do movimento *Séléka***

**Fonte: (News, 2016)**

Os membros de *Séléka* (Figura 10) são em grande parte do norte da RCA, bem como do Chade e do Sudão, que têm na sua maioria populações muçulmanas, ao contrário das áreas meridionais cristãs da RCA (Exercito Brasileiro, 2017).

Após a tomada do poder, os *Séléka* e os mercenários estrangeiros deslocaram-se para oeste saqueando aldeias e cidades, maioritariamente cristãs, cometendo inúmeras violações dos direitos humanos, incluindo execuções sumárias, violações sexuais, sevícias, detenções e cobrança de impostos ilegais (HRW, 2017, p. 18).

#### **1.3.2.9.2. Movimento *Anti-Balaka***

O nome *anti-Balaka* tem origem nas palavras “anti-balles AK-47”, ou seja, os seus membros têm fé que os amuletos que usam os protegerão dos projeteis. O movimento *anti-Balaka*, composto inicialmente por membros cristãos, animistas e muçulmanos, surgiu no ano 2000, na região noroeste (Bossangoa, Bozoum e Bocaranga) como um grupo de autodefesa, que visava essencialmente defender a sua principal fonte de riqueza, os rebanhos bovinos, de saques perpetrados por bandidos de estrada denominados por “Zaraguinas” (Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019)



Figura 11 - Combatentes do movimento *Anti-Balaka*

Fonte: (Lamzouwaq, 2017)

Em meados de 2013, intimamente ligado à religião cristã, ressurgiu o movimento, em oposição aos *Séleka*, aproveitando o mote da autodefesa para se armarem e acabar com o regime *Séleka*, protegendo assim a população cristã (Weyns, Hoex, Hilgert, & Spittaels., 2014).

Os *anti-Balaka* (Figura 11) alegando que apenas pretendem recuperar o que lhes foi retirado pelos *Séleka*, recorrem a métodos extremamente agressivos e condenáveis à luz do direito internacional para matar muçulmanos, destruir infraestruturas religiosas e saquear. São exemplo disso, as mesquitas queimadas, ataques a colunas e campos de deslocados. Estes ataques são conduzidos principalmente com recurso a armas artesanais e de caça, no entanto também utilizam AK<sup>10</sup>-47, RPG<sup>11</sup> e PKM<sup>12</sup> (Varino A. , 2018). O saque, dirigido essencialmente à população muçulmana, é a principal fonte de rendimento do movimento e dos seus líderes. Outra das formas de atuação e garantia da autossuficiência é a cobrança de impostos ilegais sobre mercadorias contrabandeadas em vários postos de controlo ao longo dos principais itinerários.

### 1.3.3. Arquitetura organizacional de Informações na RCA

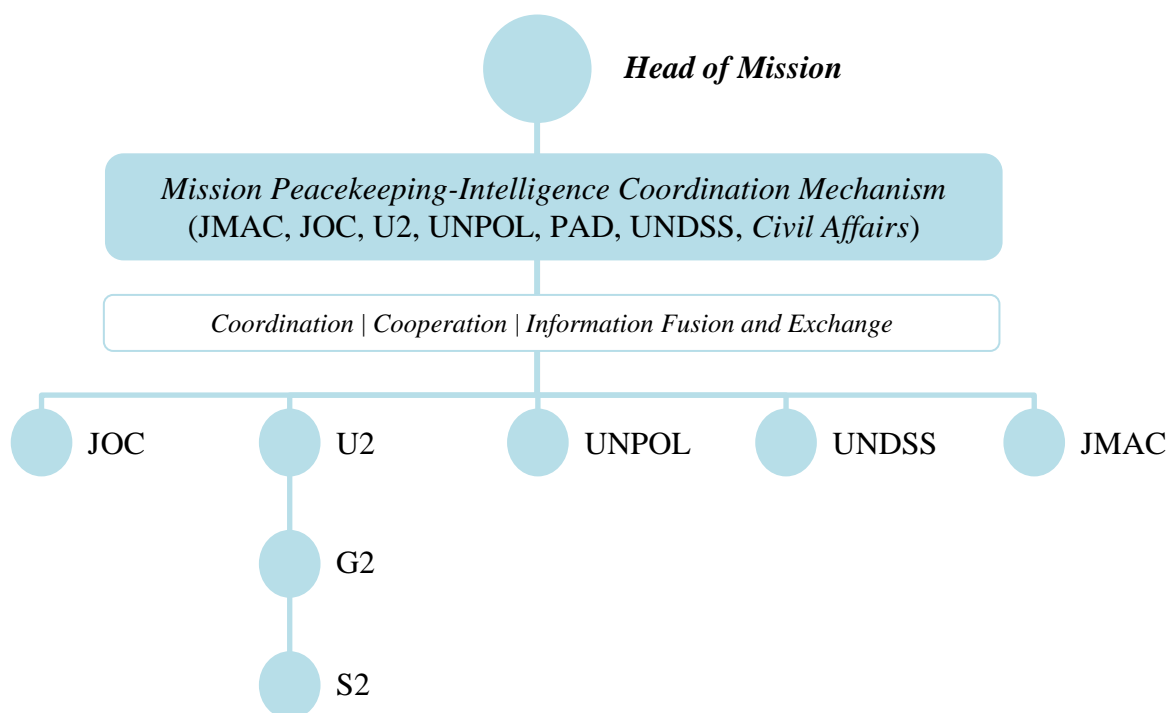
Em termos conceituais, a estrutura de Informações de uma força militar multinacional de Manutenção de Paz, é representada conforme a Figura 12, sendo que,

<sup>10</sup> Espingarda automática *Avtomat Kaláshnikova*

<sup>11</sup> *Rocket-propelled grenade* – Lança Granada foguete

<sup>12</sup> *General-purpose machine gun* – Metralhadora de calibre 7,62mm

para o efeito objetivo deste estudo, o enfoque será atribuído ao *Joint Mission Analysis Centre (JMAC)*, *Joint Operation Center (JOC)* e ao *Force-Level peacekeeping-intelligence (U2)*.



**Figura 12 – Estrutura do MPKI**  
 Fonte: Adaptado (United Nations, 2019)

Neste seguimento, importa salientar as responsabilidades atribuídas aos mesmos:

- (i) **JMAC** – órgão que integra militares, civis e elementos policiais, com a finalidade de apoiar no processo de tomada de decisões decorrentes do cumprimento da missão, fornecendo análises integradas e avaliações preditivas, trabalhando ao nível Estratégico (United Nations, 2019, p. 10).
- (ii) **JOC** – órgão integrado na estrutura com a finalidade de apoiar os processos de tomada de decisão, através da apresentação da situação geral integrada, baseada em relatórios de rotina e de incidentes especiais, apresentando capacidade para monitorização de 24 horas. Procura desta forma, estabelecer relações e troca de Informações com outras entidades relevantes presentes no TO, focando-se essencialmente nas Operações Correntes e no apoio ao planeamento de curto prazo (United Nations, 2019, pp. 10-11).
- (iii) **Force Headquarters (FHQ) MPKI Cell (U2)** – órgão responsável por assegurar apoio de Informações ao Comandante da Força e a outras entidades da FHQ em termos de Planeamento e Operações, relacionando-se

diretamente com o G2 dos Setores a quem fornece e de quem recebe informações relativas às necessidades de Informação (United Nations, 2019, p. 11).

A ligação entre estes diversos órgãos e a dinâmica estabelecida com a FND é de extrema importância para analisar e compreender se de todo potencia ou não a eficiência e conduta das operações militares.

#### **1.4. Força Nacional Destacada na MINUSCA**

##### **1.4.1. Missão e Estrutura**

A participação militar portuguesa na RCA teve início em 2017, nos termos do estabelecidos pela portaria n.º 29/2017, de 4 de janeiro, do Ministério da Defesa Nacional, em resposta ao pedido formulado pela França, com o intuito da retração de uma parte do contingente militar francês, nomeadamente na MINUSCA. Deste acordo, ficou aceite por Portugal, a disponibilização de uma companhia de infantaria – a ser assegurada pela **Brigada de Reação Rápida** (BrigRR), quer enquanto Unidade Organizadora (UnOrg), quer como responsável pelo aprontamento operacional e logístico da FND(Conj)/MINUSCA. (Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).

Por conseguinte, esta força tem como missão, atuar como *Quick Reaction Force* (QRF), sob o Controlo Operacional (OPCON) do *Force Commander* e, adicionalmente, quando determinado, prestar apoio à EUTM-RCA. De salientar que, o efetivo da Força, inicialmente de 160 militares, alterou-se, não só em meios humanos, tendo passado para 180 militares, como também em meios materiais, tendo sido reforçada com 06 viaturas PANDUR II (Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).

#### **1.5. Modelo de Eficiência**

Face à volatilidade e incerteza que caracteriza a ameaça contemporânea e aos condicionamentos existentes aos recursos humanos e materiais disponíveis num contexto militar, importa compreender de que modo poderá um Comandante com os meios ao seu dispor, cumprir a missão estabelecida, empregando os mesmos, de forma otimizada.

Neste sentido, importa estabelecer concetualmente os padrões base para poder face aos dados recolhidos, inferir quais as recomendações que poderão ajudar a avaliar o modo como a recolha de Informações poderá impactar na eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano no Teatro de Operações da RCA.

O desafio que se nos coloca será o de estabelecer um equilíbrio entre a qualidade do produto das informações ajustada ao apoio e à decisão do comandante na conduta das operações militares, dos recursos humanos e dos materiais disponíveis e face à ameaça envolvente. Será este equilíbrio que materializa em sentido lato, o conceito de eficiência.

No sentido estrito, Viana (2010) refere que o conceito de eficiência está ligado intimamente ao conceito de eficácia, interligando os resultados obtidos, com os objetivos que estavam previamente definidos. No entanto, a grande diferença baseia-se na relação entre os recursos gastos e os resultados que se pretendem alcançar. Para o mesmo autor, eficiência refere-se à otimização dos meios em função dos fins, e a eficácia, com o resultado alcançado.

Na mesma linha de pensamento, Chiavenato (2003, p. 155) considera que “eficácia é uma medida do alcance de resultados, enquanto a eficiência é uma medida da utilização dos recursos nesse processo”.

Para este estudo, conclui-se, pois, que a eficiência está diretamente relacionada com a eficácia, assim a eficácia relaciona o *output* obtido (qualidade das Informações em apoio à conduta das operações), com determinado nível de *inputs* (ambiente operacional), com os meios e com os objetivos finais a serem atingidos.

## CAPITULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Este capítulo pretende apresentar a metodologia utilizada para a elaboração da investigação. Assim, será exposto todo o processo da investigação com o objetivo de enumerar as etapas do procedimento científico. A realização de um trabalho de investigação científica requer uma abordagem metodológica simples, clara e coerente com o objetivo do estudo a realizar. A adoção de uma abordagem metodológica adequada assegura uma fácil estruturação da investigação a realizar e, por fim, garante uma melhor sistematização da investigação.

A metodologia baseou-se na pesquisa de informação em documentação bibliográfica disponível na *internet*, documentos relativos a relatórios e entrevistas aos comandantes que estiveram presentes na RCA, assim como ao Chefe do CSMIE e ao J2 do CCOM.

Dado que um procedimento é uma forma de progredir em direção a um objetivo, a investigação irá realizar-se segundo três etapas do procedimento científico: exploração, fase analítica e por último, a fase conclusiva (Bertaux, 2016). A primeira fase, vai caracterizar-se por um estudo exploratório, após realizar um balanço acerca dos conhecimentos relativos ao problema de partida. Na fase analítica, perante a informação recolhida será então possível elaborar, desenvolver e verificar conceitos. O produto resultante da etapa da análise, possibilitará a realização da última etapa do procedimento, a fase conclusiva. Nesta fase final, as Informações recolhidas serão alvo de uma análise conclusiva, com o intuito de procurar compreender de que forma as Informações contribuem para a eficácia das Operações em Ambiente Urbano na RCA.

### 2.1. Objetivos da investigação

Como este Trabalho de Investigação Aplicada pretende avaliar de que modo a recolha de Informações contribui para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano no Teatro de Operações da República Centro Africana, o seu objetivo será predominantemente de carácter descritivo ([IESM], 2014). O método descritivo tem como objetivo descrever fenómenos, identificar variáveis e factos (Sarmiento, 2013, p. 8).

Deste modo, e para atingir os objetivos propostos, escolheu-se uma estratégia de investigação qualitativa, com o intuito de compreender em profundidade os contornos em

que as Informações influenciam as operações em AU na RCA e a perspectiva daqueles que estão envolvidos no mesmo (Vilelas, 2009).

Ligado à estratégia de investigação escolhida, o desenho da pesquisa assume a forma de um Estudo de Caso, na medida em que é analisado em particular, o impacto do estudo das Informações no CAU na RCA (Freixo, 2018).

## 2.2. Modelo de análise

Para Sarmiento (2013, p. 7) o método científico “é um conjunto de procedimentos e normas que permitem produzir conhecimento”.

A replicabilidade é uma das características essenciais do método científico, atingindo-se esta através de diferentes estratégias. Assim, o raciocínio indutivo, dedutivo e hipotético-dedutivo destacam-se como variantes do método científico ([IESM], 2016).

No presente trabalho é utilizado o raciocínio dedutivo (do geral para o particular), uma vez que se recorreram a premissas gerais para obter uma verdade particular (Freixo, 2018).

No Quadro 2, observa-se o modelo de análise deste trabalho, onde se correlacionam os objetivos enquadradores com as subsequentes questões, conceitos, dimensões e indicadores.

**Quadro 2 - Modelo de Análise**

<b>TEMA</b>	O impacto da recolha de Informações na eficiência da conduta das operações militares em ambientes urbanos no Teatro de Operações da República Centro Africana.				
<b>Objetivo Geral</b>	O estudo propõe-se a avaliar o modo como podem as Informações contribuir para a eficiência do emprego de meios na conduta de operações militares em ambiente urbano no Teatro de Operações da República Centro Africana.				
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Pergunta de Partida</b>	De que modo pode a recolha de Informações contribuir para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano na República Centro Africana?			
	<b>Perguntas Derivadas</b>	<b>Conceitos</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Técnicas de recolha de dados</b>
OE1 Compreender a conceitualização das Informações e os fundamentos que materializam o seu emprego nas operações militares na República Centro Africana.	PD1 <i>Quais são os modos de emprego das tecnologias na obtenção de informação em Operações em Ambiente Urbano na República Centro Africana?</i>	Informações  Operações em Ambiente Urbano	Tipologia da ameaça  Enquadramento legal  Princípios	Meios humanos Imagens Comunicações	Análise Documental  e  Entrevistas Semiestruturadas

OE2 Caracterizar o ambiente operacional associado à realidade urbana na República Centro Africana.	PD2 <i>Quais os tipos de Operações em Ambiente Urbano e as suas características na República Centro Africana?</i>	Operações em Ambiente Urbano  Teatro de Operações da RCA	Atividades  Características  Tipologia	Experiência Doutrina  Estruturas	
OE3 Analisar o impacto que as Informações podem ter no apoio às operações militares, face aos desafios que o ambiente urbano potencia na República Centro Africana.	PD3 <i>Qual a importância das Informações nas Operações em Ambiente Urbano na República Centro Africana?</i>	Informações  Operações em Ambiente Urbano  Teatro de Operações da RCA	Tomada de decisão  Adequação de meios  Eficiência  Atividades  Produto  Processo	Orientação Precisa  Coordenação Centralizada  Tempo e Espaço  Capacidade	

### 2.3. Técnicas, Procedimentos e Meios de Pesquisa

A técnica refere os instrumentos e procedimentos utilizados para a recolha de dados que garantem a operacionalidade do método (Carvalho, 2009).

Relativamente à recolha de dados, a parte teórica baseou-se na obtenção de informação através de um conjunto diverso de fontes bibliográficas, em formato físico e em suporte digital, através de livros, artigos científicos, revistas, legislação, dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

Já a parte empírica do trabalho baseou-se numa abordagem qualitativa através de inquéritos por entrevista semiestruturada. Neste tipo de entrevistas, segundo Quivy & Campenhoudt (2005), é notória uma certa liberdade e flexibilidade no desenrolar da entrevista, isto é, poderá existir um guião pré-elaborado com as questões, no entanto, o entrevistador pode redirecionar a entrevista, de forma a salientar os aspetos que considere mais importantes.

A entrevista é uma técnica que requer o conhecimento e a transparência das teorias existentes sobre o objeto de estudo, exige a elaboração de um sistema conceptual e a definição das variáveis a operacionalizar (Pardal & Correia, 1995)

Para Sarmiento (2013, pp. 30 - 31), a entrevista permite obter uma panóplia de informações, utilizando discursos individuais ou de grupo, como meios. A entrevista é uma

investigação qualitativa que pode ser usada como complemento de outras técnicas, em conjunto com o método de observação direta, e em conjunto com a análise de documentos.

#### **2.4. Caracterização da Amostra**

Foram realizadas seis entrevistas, constituídas por onze questões de resposta aberta, utilizando-se para isto um guião. As perguntas pretendem recolher informações sobre a experiência profissional dos militares quer enquanto Comandantes de FND na RCA, quer em funções com responsabilidades no aprontamento e acompanhamento de Informações no apoio à FND, com vista à resposta das questões derivadas. Devido ao estado de Emergência e à imposição do isolamento social, as entrevistas foram realizadas por meios digitais e por chamada, recorrendo-se a um gravador de voz com o devido conhecimento e consentimento do entrevistado. A amostra utilizada é constituída pelos Oficiais representados no Quadro 3. Paralelamente, e face aos factos anteriormente salientados, foram utilizadas para análise, as entrevistas realizadas no estudo “O papel das Informações Militares no apoio à FND que integra a MINUSCA” do Curso de Promoção a Sargento-Chefe da Escola de Sargentos do Exército realizado em dezembro de 2019.

**Quadro 3 - Entrevistados**

	<b>Nome</b>	<b>Posto</b>	<b>Função</b>
<b>1</b>	<b>Musa Gonçalves Paulino</b>	<b>TCor</b>	<b>Cmdt da 1ª FND</b>
<b>2</b>	<b>João Francisco da Costa Bernardino</b>	<b>TCor</b>	<b>Cmdt da 3ª FND</b>
<b>3</b>	<b>Óscar Fontoura</b>	<b>TCor</b>	<b>Cmdt da 4ª FND</b>
<b>4</b>	<b>Victor Gomes</b>	<b>TCor</b>	<b>Cmdt da 6ª FND</b>
<b>5</b>	<b>Miguel Seabra</b>	<b>TCor</b>	<b>J2 do CCOM</b>
<b>6</b>	<b>José Leal</b>	<b>TCor</b>	<b>Chefe do CSMIE</b>

#### **2.5. Tratamento de dados**

Sendo esta etapa realizada de forma mais incisiva na fase analítica, a análise de conteúdo foi feita recorrendo à elaboração de segmentos de resposta em tabelas, o que permitiu apresentar a análise que é visível ao longo do capítulo III, sendo as entrevistas avaliadas com os princípios da pesquisa.

No que respeita ao tratamento de dados, realizou-se uma análise de conteúdo às entrevistas semiestruturadas, que se baseou no agrupamento de segmentos de resposta numa tabela, de modo a facilitar a sua análise (Apêndice D). De realçar, ainda, que a avaliação das entrevistas considerou os princípios orientadores das dimensões e dos indicadores apresentados no Modelo de Análise.

## **2.6. Local e data da pesquisa e recolha de dados e Aplicações informáticas utilizadas**

De acordo com o tipo de dados pretendidos, a recolha dos mesmos realizou-se em diferentes locais e com intervalos de tempo diversos. A pesquisa e a recolha de informação ocorreram principalmente na Biblioteca da Academia Militar e na Biblioteca Municipal da Amadora, no período entre novembro de 2019 e fevereiro de 2020.

Posteriormente, e devido ao Estado de Emergência imposto nos meses de março e abril, as entrevistas foram realizadas em formato digital, via correio eletrónico e chamada telefónica recorrendo-se, nestes casos, à utilização de gravadores de voz.

Este trabalho de investigação foi elaborado com o *software* processamento de texto *Word* proveniente do programa *Microsoft Office* 2016. As referências bibliográficas e citações foram elaboradas com o auxílio do programa *Mendeley*.

## CAPITULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo vão ser apresentados, analisados e discutidos os resultados obtidos no trabalho de campo, de acordo com o enquadramento teórico estabelecido no primeiro capítulo. Deste modo, são realçados os pontos-chave das respostas de cada um dos entrevistados, assim como a sua argumentação.

Para tal vamos basear-nos nos princípios da pesquisa de informações. Segundo o Exército Português (2009), existem quatro princípios sendo eles: *Orientação Precisa*, *Coordenação Centralizada*, *Tempo e Espaço*, *Capacidade*.

A *Orientação Precisa* é relacionada com as indicações objetivas atribuídas aos órgãos, com o intuito de se obter a informação pretendida. Já a *Coordenação Centralizada* diz respeito à utilização mais adequada dos diferentes órgãos de pesquisa. Deste modo, “esta centralização é conseguida ao mais alto escalão, de modo a obter uma utilização mais eficaz das capacidades de cada meio”. O princípio do *Tempo e Espaço* revela-se importante para a atribuição dos meios de pesquisa. Os meios “devem ser empregues de forma eficiente”, de modo a cobrir todo o espaço de batalha. A capacidade divide-se em três pontos importantes: Segurança e Risco, que refere que o “meio de pesquisa deve ser protegido de forma adequada, mantendo a capacidade de recolher a informação necessária; O Ambiente das Operações em que decorrem as operações, pode limitar a capacidade de obtenção de informação de um meio de pesquisa; A redundância revela-se como um processo que utiliza mais do que um meio para pesquisar o mesmo objetivo. Assim, vários meios de pesquisa devem ser utilizados em sobreposição no espaço de batalha, garantindo a redundância” (Exército Português, 2009).

### 3.1. Organização em termos das Informações

Após a projeção da quarta FND (4FND), a estrutura da Secção de Informações (S2) passou a integrar seis elementos. Inicialmente, o S2 era composto por um oficial e um Sargento, no entanto, tal como referido anteriormente, foram aumentados a esta estrutura, um oficial adjunto do oficial de Informações, um adjunto do sargento de Informações e uma célula de apoio às Informações (com dois oficiais do Centro de Tropas de Operações Especiais).

Em virtude desta FND se constituir como QRF da componente militar da MINUSCA e ter de estar pronta a atuar em qualquer ponto da Área de Operações (AOp), ou seja, em qualquer parte do território da RCA, esta não tem atribuída uma AOp onde possa desenvolver de forma direta um Plano de pesquisa, pelo que, os elementos de Informações se dedicam ao acompanhamento da situação geral na RCA.

Por conseguinte, face à missão e consequente imprevisibilidade de projeção espacial, importa estabelecer contatos com a estrutura Central de Informações da MINUSCA e com os elementos da área destacados nos 3 setores. Paralelamente, assume importância participar em reuniões com o U2 e em Vídeo Teleconferência (VTC) com todos os S2 (Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).

### 3.2. Análise da estrutura de Informações

A partir da Pergunta de Partida (PP), “De que modo pode a recolha de Informações contribuir para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano na República Centro Africana?” optou-se por estudar o tema através da análise da estrutura das Informações definidas quer pela MINUSCA quer pela FND.

Após a análise da estrutura de Informações da MINUSCA exposta em 1.3.3., é importante realçar que esta tem como intuito assegurar ao escalão superior a informação do ambiente operacional e estratégico do TO, permitindo assim, antecipar ameaças e garantir uma tomada de decisão informada.

Assim, para atingir este objetivo, conta com o JMAC, o JOC, o U2 e outros órgãos especializados em áreas específicas relacionadas com a Missão. O U2 que de acordo com a doutrina, se articula com a missão e se representa como na Figura 13, deve garantir o funcionamento do CPI para apoiar o escalão superior e as unidades (Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).

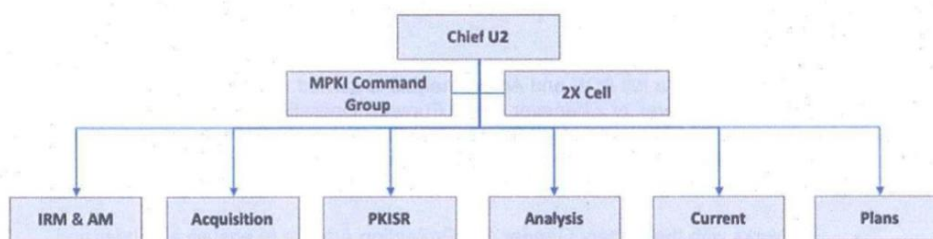


Figura 13 – Estrutura de U2/MINUSCA

Fonte: (United Nations, 2019)

Deste modo, o U2 apoia em termos de cartografia e fotografia aérea, no entanto, o problema poderia surgir na projeção da FND, dado que que nestas ocasiões, os pedidos de Informações, quase nunca eram realizados dentro do tempo útil (Varino, 2019 citado por Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).

Segundo Moura, “era notória a dificuldade em entender o porquê de não obter, da parte do U2, resposta aos seus quesitos de informação”. Tal só foi entendido quando, numa projeção e após contato com as forças no terreno, se apercebeu que eles não tinham meios de comunicação adequados para transmitir ao escalão superior (Moura, 2019 citado por Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).

Por último, sabe-se que o U2 tem capacidades *Imagery Intelligence* (IMINT). Possui *VANTs Orbiter* com capacidade para apoiar missões ao nível tático e operacional. Apresenta a capacidade de fornecer imagens aéreas e cartografia, possuindo igualmente capacidades *Naval Meteorology & Oceanography Command* (METOC), para a região de Bangui, possui um balão meteorológico que pode cobrir uma área até 100 quilómetros. No que diz respeito à FND, verificou-se limitações no acesso a Informações credíveis, nomeadamente nas projeções, levaram os Cmdts das FNDs a atribuir tarefas de recolha de informação, aos seus escalões subordinados. Os elementos de Informações procuram desenvolver trabalho de *Open Source Intelligence* (OSINT) de modo a atualizar a situação geral no TO (Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).

A Força possui *VANTs DGI* que servem apenas para o comando e controlo, e não tanto para a recolha de informação. O aumento do número de elementos da célula de Informações, foi muito útil pois garantiu a continuidade do processo de geração de Informações mesmo nos períodos em que a Força era projetada (Moura, 2019 citado por Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).

Todas as patrulhas são utilizadas para proceder à recolha dessa informação. São definidos os quesitos de informação, os grupos patrulhavam e recolhiam a informação solicitada. Para tal, quando necessário usavam os *Unmanned Aerial Vehicles* (UAV). Resulta igualmente, o relevo que deve ser dado no aprontamento da Força à vertente de Informações dotando todos os militares com a capacidade de atuar como sensores (Lemos, Marques, Almeida, Jesus, & Ferraz, 2019).

### 3.3. Análise do conteúdo das entrevistas aos comandantes das FNDs

De modo a facilitar a análise das entrevistas, foram construídos quadros que revelam as respostas dos entrevistados. Assim, o guião da entrevista é composto por onze questões, que serão analisadas neste subcapítulo exceto a primeira questão que visa associar um período no TO a cada FND.

Sobre o Ambiente Operacional, os entrevistados tiveram respostas muito semelhantes, referindo tratar-se de um ambiente complexo, incerto, volátil, violento e de alta intensidade. Para Musa Paulino (2020) a RCA apresenta-se como um TO que revela um risco permanente, devido às inúmeras multiameaças, como por exemplo a panóplia variada de grupos armados, assim como de doenças, isto aliado às difíceis condições do TO, “salubridade, terreno, clima e condições meteorológicas” (Paulino, 2020).

Já Bernardino (2020), refere-se à RCA como um ambiente operacional de elevado desgaste psicológico e físico, com operações de alta intensidade por curtos períodos. Refere também, que os militares portugueses se depararam com um desafio operacional, semelhante ao combate urbano do “tipo favela”, em ambiente noturno, constituído pelas denominadas “*flash mobs*” e pelos bloqueios estradais, utilizando engenhos explosivos. No entanto, defende que é necessário uma atualização constante das técnicas e procedimentos por parte da força portuguesa, dado que os grupos armados estão em constante processo de aprendizagem.

Fontoura (2020), responde à questão colocada, sublinhando que a situação é sempre volátil, acontecendo esporadicamente pequenos conflitos entre os grupos armados com o intuito de controlarem os rendimentos, com especial atenção no “triângulo BAMBARI – ALINDAO – BRIA e na zona Noroeste da RCA”. Estas situações colocam em causa a paz na RCA.

À questão colocada sobre a tipologia de operações em AU e quais as suas características, os entrevistados identificam vários tipos de operações, nomeadamente, missões de combate, patrulhas de segurança, vigilância e reconhecimento de área, proteção de infraestruturas ou áreas sensíveis, proteção de entidades ou outras forças, operações de cerco e busca.

Segundo Musa Paulino (2020), os militares portugueses efetuavam também proteção de Entidades (VIP) e atividades de coordenação Civil e Militar (CIMIC), assim como proteção de civis, infraestruturas e “terreno-chave”. No mesmo sentido, Fontoura

(2020) enuncia como operações em AU efetuadas pela força portuguesa, operações de limpeza, controlo, de ataque e apoio pelo fogo.

Não obstante, Gomes (2020) enuncia que a QRF portuguesa tem a capacidade de executar operações em AU em período noturno ou diurno, sendo empenhada em situações de “elevado grau de mobilidade e uma resposta rápida e decisiva para proteger a população.” Para além disso, a força também possui a capacidade de realizar operações de vigilância e de recolha de Informações.

No que respeita à questão colocada sobre o modo como eram recolhidas as informações no TO da RCA, os comandantes das FNDs, referem que grande parte das Informações são fornecidas através da MINUSCA, EUTM, Exército Português e EMGFA.

Musa Paulino (2020), refere que a força também recolhia as Informações por meios próprios, através da recolha de indícios usando para o efeito, reconhecimentos, terrestres ou aéreos, de itinerários ou área. Para tal era elaborado um plano de pesquisa, e eram utilizados os contactos com a população local e com elementos armados, tal como através de ONG ou outras forças no terreno.

Para Bernardino (2020), todo militar é um sensor, recorrendo essencialmente ao HUMINT, mas também ao SIGINT e IMINT. Por outro lado, Fontoura (2020) refere que a recolha de Informações também era feita através de contactos com outras entidades militares e policiais no TO, através de *drones* e patrulhas de reconhecimento, bem como de análise de fontes abertas.

Gomes (2020) sublinha que sempre que a força era projetada era desenvolvido um Plano de Pesquisa com o intuito de garantir o “*Situational Awareness*” da área de operações, através dos meios possíveis de recolha de informação.

Relativamente aos responsáveis pela recolha de Informações na RCA, os entrevistados referem de forma consensual que o principal responsável pela recolha de Informações é a estrutura da MINUSCA, recebendo desta planos e ordens de operações, relatórios específicos. A MINUSCA possui estruturas vocacionadas para as Informações, com células de Informações que recolhem, analisam e disseminam pelas diferentes subunidades.

No entanto, a força portuguesa possui uma célula de Informações, mas com reduzida capacidade de recolha e tratamento. Por conseguinte, é responsabilidade do oficial de Informações obter e disseminar Informações sobre as condições meteorológicas; reunir, analisar e difundir informação relativa ao terreno e ameaças presentes no TO; elaborar estudos de situação de informação e contrainformação; fazer os relatórios das

informações – Relatório Periódico de Informações e Sumário de Informações (INTSUM); conduzir briefings de Intel quando a situação o justificar ou quando solicitado (Paulino, 2020).

Tal como referido anteriormente, Bernardino (2020) reitera que “todos os militares são sensores e devem recolher as Informações de acordo com os quesitos de pesquisa e PIR recebidos”, no entanto, existem outros atores externos que participam na recolha de Informações. Ao nível estratégico e político da MINUSCA é o JMAC o responsável.

Para Gomes (2020), parte desta recolha é materializada através da análise do INTSUM diário da MINUSCA, assim como através da participação semanal na reunião com o U2 com todas as células de Informações dos diversos setores e *task forces*. É feita também uma procura diária em fontes abertas para a realização do relatório diário OSINT, recolha e análise de um produto de informação pública com resumo da imprensa local.

Relativamente à questão sobre os modos de emprego de tecnologias na obtenção de informação em Operações em Ambiente Urbano na República Centro Africana, os entrevistados indicam diversos meios tecnológicos como *drones*, *UAV*, meios aéreos (com recurso a aeronaves de asa fixa e asa rotativa), câmaras de videovigilância de alta definição colocadas em infraestruturas, durante o dia com aparelhos de ampliação de imagem e à noite com aparelhos de visão noturna, câmaras individuais (tipo *GoPro*), câmaras colocadas em balões suspensos com o intuito de proceder à recolha de Informações principalmente em AU, câmaras térmicas e utilização de fontes abertas (com recurso à *Internet*).

No que diz respeito à questão sobre o modo como são processadas as informações no Teatro de Operações da República Centro Africana, os comandantes das FNDs na RCA voltam a referir que grande parte é feita por entidades nacionais e no TO de quem recebem Informações.

Musa Paulino (2020) indica que as Informações provenientes pelo canal formal são feitas através de planos, ordens, mensagens ou relatórios. Após a recolha no terreno a informação é transformada em relatórios, SITREP ou RELIM, que são enviados para o escalão superior. É de realçar que existem vários sistemas que asseguram a segurança das Informações e que só sai informação validada pelo comandante da força.

Mas para Bernardino (2020), apesar de não ser atribuída uma área de operações, ao nível das Informações, à força, esta desenvolveu diversas atividades com o objetivo de obter Informações. Assim, foram utilizados canais formais e informais, para essa

informação ser enviada para o escalão superior. Todos os dias era feito um *briefing* para atualizar a situação das Informações, incluindo o estado de segurança no TO.

Já Fontoura (2020) explica que “seguem o processo de tratamento de notícias para serem transformadas em informação pertinente para a Força, (na célula de informações da MINUSCA e na secção de informações da Força), de acordo com a doutrina de referência (ONU e NATO no caso da nossa Força)”. No entanto, estas Informações para serem adequadas para a força, têm de ser detalhadas ao nível da capacidade e dispositivo do inimigo.

O modo como as Informações contribuem para o processo de decisão militar no Teatro de Operações da República Centro Africana, os entrevistados relatam que as Informações são sem dúvida importantes e que se revelam decisivas para as ações levadas a cabo.

Todos os processos de decisão devem ter em atenção todos os elementos que possam influenciar a missão, logo, as informações são essenciais. O estudo das informações é muito focado nas ameaças e no terreno, assim como nas condições meteorológicas. É importante sublinhar que “o trabalho de EM até à decisão e conceito é feito de forma colaborativa, envolvendo todos os Oficiais de EM e Comandantes Subordinados, e neste caso a RCA não é exceção” (Paulino, 2020).

As Informações são necessárias para obter resposta aos CCIR do comandante e para aumentar a proteção da força, assim como, diminuir ao máximo a possibilidade de baixas (Bernardino, 2020).

Assim, quanto melhor e mais fiáveis forem as Informações, melhor será o plano de ação, e assim, menor será a probabilidade de existirem baixas na nossa força, logo, as Informações contribuem para a proteção da força, constituindo-se como “um fator *GO/NO GO*” (Fontoura, 2020).

Na questão sobre a importância das informações na República Centro Africana, os entrevistados voltam a revelar a importância das Informações, assim como a forma decisiva e crucial do seu estudo para a proteção da força. Assim, Musa Paulino (2020), revela que devido à dificuldade de recolha das Informações na RCA, muitas vezes os militares portugueses recebem a missão com pouca informação disponível, o que obriga a um trabalho de pesquisa e recolha constante por parte da célula de Informações da força, no sentido de prever empenhamentos inesperados. Ou seja, quanto melhor forem as Informações, maior é a probabilidade de sucesso da missão.

No que concerne à questão: **“De que modo pode a recolha de Informações contribuir para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano na República Centro Africana?”**, é referido de forma unânime por todos os entrevistados, que as Informações contribuem e muito para a eficiência das operações em AU na RCA, quer numa perspetiva de emprego de recursos, quer na própria proteção da força.

Musa Paulino (2020) indica que as Informações permitem antever possíveis empenhamentos, focando a força para treinos específicos, com os meios adequados, aumentando a probabilidade de sucesso e evitando a ocorrência de baixas.

Já Bernardino (2020) refere que realizar operações em AU na RCA, “sem informação válida, credível e atempada” é aumentar o risco de baixas nas nossas forças. Portanto, é absolutamente importante obter o máximo de informação credível sobre a operação a realizar.

Deste modo, Fontoura (2020) defende que as Informações atribuem ao comandante e aos executantes as condições necessárias para evitar surpresas durante o combate e, assim, obter segurança no cumprimento da missão. Sublinhando que “o combate deve ser sempre nas nossas condições e não nas do inimigo”.

Por último, na opinião dos entrevistados as alterações que devem ser feitas, no âmbito das informações, com o intuito de melhorar as operações na República Centro Africana, Musa Paulino (2020) defende que as Informações fornecidas pela MINUSCA, revelam-se insuficientes, levando os militares portugueses a utilizar fontes no terreno, como ONG, e a executar reconhecimentos. Deste modo, refere que a força deve ser dotada de uma capacidade de recolha e análise de Informações, podendo empenhar-se elementos de operações especiais.

Bernardino (2020) revela que a 3ªFND permitiu, através das lições aprendidas e devido aos *inputs*, reforçar as FNDs seguintes nesta área. Refere também que foram adquiridos novos equipamentos que contribuem para melhorar a recolha de informação.

Fontoura (2020) indica que deve ser aumentada a capacidade tecnológica dos sensores de recolha de informação, principalmente de *drones*, tratamento de imagem e cartografia. No entanto, sublinha que a estrutura das Informações da MINUSCA deverá sofrer uma reestruturação, pois revelou-se “ineficiente e inadequada para as Forças de nível tático”. Para tal, defende que é importante melhorar a qualidade dos operadores de Informações da MINUSCA, assim como, agilizar o fluxo e partilha de informações entre os diferentes departamentos.

### 3.4. Análise do conteúdo da entrevista ao Chefe do CSMIE

Neste subcapítulo vão ser apresentados os resultados referentes à entrevista realizada ao Tenente-coronel José Leal, Chefe do CSMIE. O guião da entrevista era composto por seis questões que visavam perceber o trabalho desenvolvido pelo CSMIE no apoio às FNDs presentes na RCA.

A primeira questão visava perceber qual o papel que o CSMIE desempenha antes, durante e após o cumprimento da missão na RCA. A esta questão, José Leal (2020), respondeu que segundo o enquadramento legal em vigor, o CSMIE é um Órgão de Base, que possui competências no aprontamento de forças, nomeadamente das FNDs na RCA, através do Sistemas de Aprontamento de Forças do Exército (SAFE), nomeadamente no que respeita à vertente das informações.

Assim, José Leal (2020) refere que a preparação das FNDs na RCA é constituída por três fases. A primeira fase, referente aos dois primeiros meses do aprontamento, é caracterizada pela disponibilização de Informação Básica sobre o TO, da qual se destaca o “*Country Book*” da RCA. Nesta fase, são também ministradas palestras de nível estratégico e operacional. A segunda fase, referente aos terceiro e quarto meses, diz respeito à formação ministrada à célula de Informações e às palestras ministradas pelo CSMIE de nível tático. A terceira e última fase do processo, referente aos quinto e sexto meses, é referente às palestras ministradas pelo CSMIE de nível tático com atualizações da situação desde o último *briefing*.

Já durante a projeção e, segundo José Leal (2020), a função do CSMIE é acompanhar o TO, de modo a apoiar a decisão do Comandante das Forças Terrestres ou do Chefe do Estado Maior do Exército (CEME), assim como apoiar os novos aprontamentos ou “recomendar/apoiar a adequação dos meios à ameaça”. Após a retração, o CSMIE, realiza *debriefings* com o objetivo de recolher informação para novos aprontamentos ou aquisição de conhecimento (José Leal, 2020).

No que respeita à questão colocada sobre o papel do CSMIE no apoio à FND RCA, e à possibilidade de aumentar essa influência, o entrevistado referiu que o CSMIE não desempenhada nenhum papel específico em prol da FND, dado que, a FND está sob o Comando Operacional do EMGFA, que possui órgãos de Informações próprios, sendo que, para além disso, encontra-se também sob o comando tático da MINUSCA. Deste modo, José Leal (2020), refere que considera “não existir margem para aumentar a participação do CSMIE para além da partilha de informação e cooperação institucional”.

O entrevistado à questão sobre a qualidade do aprontamento das FNDs, no âmbito das Informações, relativamente à sua suficiência para cumprir os desafios da missão, José Leal (2020) afirma-se positivo e considerando o *feedback* das diversas FNDs, assim como, a flexibilidade de adaptação do SAFE no âmbito das Informações às várias exigências das FNDs.

Relativamente à questão sobre a existência de sinergias estabelecidas com as FNDs no TO, com o intuito a partilha de Informações, José Leal (2020) refere existirem canais para a partilha de Informações nos dois sentidos.

Já sobre a questão associada ao retorno prático e lições identificadas, o entrevistado refere que existe um retorno prático, não só por parte do CSMIE na área das Informações, bem como, pela Divisão, Normalização e Lições Aprendidas do EME (José Leal, 2020).

### **3.5. Análise do conteúdo da entrevista ao Chefe do J2 do CCOM**

Este subcapítulo visa apresentar os resultados da entrevista feita ao Tenente-coronel Miguel Seabra, Chefe do J2 do CCOM. O guião desta entrevista era composto por seis questões que tinham como objetivo retratar a postura do J2 do CCOM perante o apoio às FND's em missão no TO da RCA.

Miguel Seabra (2020), refere que o papel do CCOM antes, durante e após o cumprimento da missão no TO da RCA é o seguinte: na fase de aprontamento da FND, o CCOM não tem qualquer responsabilidade, dado que esta pertence ao ramo aprontador, neste caso o Exército Português. Já durante e após, e de acordo com o Artigo 8º do Decreto Regulamentar nº13/2015 de 31 de julho, é da competência do CCOM, “*d) Acompanhar a projeção e a retração de forças nacionais destacadas*”; “*e) Acompanhar a sustentação das forças nacionais que se constituam na dependência do CEMGFA*”. Importa também sublinhar, que ambas as alíneas anteriores são decorrentes da missão do CCOM, definida no Nº1 do Artigo 4º (do mesmo decreto): “*O Comando Conjunto para as Operações Militares (CCOM) tem por missão assegurar o exercício, por parte do CEMGFA, do comando operacional das forças e meios da componente operacional do sistema de forças, em todo o tipo de situações e para as missões das Forças Armadas, com exceção das missões reguladas por legislação própria e cometidas aos ramos das Forças Armadas.*”

Sobre o papel que o CCOM desempenha em prol da FND e a possibilidade de aumentar a sua participação, o entrevistado refere que o CCOM, através do J2, tem como objetivo contribuir para esclarecer a situação e avaliar a ameaça do TO da RCA. No âmbito das Informações, o CCOM não contribui diretamente para a tomada de decisão do

comandante da FND. A FND possui competências na área das Informações (S2) e está integrada na MINUSCA, que possui também, o seu Estado Maior (U2). Apesar disso, em certas situações, colabora com o J3 na definição/ esclarecimento de missões atribuídas aos militares portugueses (Miguel Seabra 2020).

No que diz respeito à sinergia estabelecida com a FND no TO com o objetivo a partilha de Informações, Miguel Seabra (2020) afirma que, no que diz respeito à partilha de Informações, a FND efetua todos os dias um SITREP, que envia ao CCOM, assim como outros documentos produzidos pela MINUSCA. Já o J2 do CCOM, produz quinzenalmente um INTSUM relativo ao TO da RCA, que é disseminado para o Exército e mais tarde para a FND.

Miguel Seabra (2020), no que diz respeito à questão relativa ao retorno prático das lições identificadas contribuintes para melhorar a preparação de futuras FND, responde referindo-se ao Centro de Treino, Avaliação e Certificação (CTAC) atualmente denominado Centro de Avaliação, Certificação e de Lições Aprendidas (CACLA) do EMGFA/ CCOM, como o órgão que recolhe a informação referente das Lições Identificadas (LI)/ Lições Aprendidas (LA). Esta informação é adquirida através dos relatos efetuados pelos comandantes das FND nos Relatórios de Fim de Missão. Esta informação é processada pelo CACLA, de onde mais tarde se retira as conclusões e recomendações das LI, e eventualmente LA apresentadas.

Para Miguel Seabra (2020), tem-se verificado que grande parte das LI/ LA registadas nos últimos Relatórios Fim de Missão, não são repetidas e as que surgem são diferentes das anteriores. Relativamente às recomendações pertinentes, Miguel Seabra (2020) refere que no âmbito das informações, “o investimento na formação dos militares que se prevê que venham a integrar a FND no TO da RCA e/ou que se encontram na Fase de Aprontamento, deverá ser salvaguardado, por forma a manter a capacitação dos mesmos para o execução das tarefas inerentes à área em apreço”.

### **3.6. Discussão dos Resultados**

A discussão dos resultados analisados nos subcapítulos anteriores vai ser feita com base nos Princípios da Pesquisa de Informação, enunciados no início deste capítulo, sendo eles: Orientação Precisa, Coordenação Centralizada, Tempo e Espaço, Capacidade (Exército Português, 2009).

Utilizando agora o princípio da Orientação Precisa, e após a análise das entrevistas, verificamos que grande parte das Informações era fornecida pela MINUSCA, no entanto,

as FNDs também tinham a capacidade de recolher informação. Assim, eram recolhidos indícios através de reconhecimentos, terrestres ou aéreos, de itinerários ou área. Para tal era elaborado um plano de pesquisa, e eram utilizados os contactos com a população local e com elementos armados, tal como através de Organizações Não-Governamentais (ONG) ou outras forças no terreno. Este Plano de Pesquisa era desenvolvido com o intuito de garantir o “*Situational Awareness*” da área de operações. Por outro lado, como cada militar é um sensor, deve recolher as informações de acordo com os quesitos de pesquisa e PIR.

Deste modo, verificamos que é visível a Orientação de Pesquisa com a elaboração dos Planos de Pesquisa e com a definição de quesitos de pesquisa e PIR, fazendo com que a pesquisa seja orientada para algo específico e objetivo em prol do processo de tomada de decisão.

O segundo princípio é Coordenação Centralizada. Este princípio está presente em muitas das respostas dos entrevistados, nomeadamente, quando os mesmos referem que o principal responsável pela recolha de Informações é a estrutura da MINUSCA, recebendo desta planos e ordens de operações, relatórios específicos. Ao nível estratégico é o JMAC o responsável pelas Informações. No entanto, a força também tem a capacidade de recolha de informação. Os resultados dessa recolha é passado também para a estrutura da MINUSCA, de modo a esta ser difundida para as restantes forças. Assim, verificamos a utilização do princípio da Coordenação Centralizada, ao ser a MINUSCA a grande responsável pela recolha, análise e disseminação das Informações.

Tempo e Espaço são o terceiro princípio. Relativamente ao Tempo, verificamos que as Informações só são válidas e um contributo indispensável para a força se forem recolhidas, analisadas e disseminadas em tempo oportuno. Para tal, ao nível tático, todos os dias é feito um *briefing* para atualizar a situação das Informações, incluindo o estado de segurança no TO. Já ao nível estratégico, a MINUSCA realiza um Relatório Periódico de Informações e Sumário de Informações (INTSUM), assim como uma reunião semanal do U2 com todas as células de Informações dos diversos setores e *task forces*. A definição do tempo da pesquisa também permitia adequar os meios de pesquisa ao período de pesquisa pretendido, como por exemplo, se a pesquisa fosse realizada durante a noite eram utilizadas câmaras com visão noturna, se a pesquisa fosse realizada durante o dia, eram utilizadas câmaras com aparelhos de ampliação de imagem. No que diz respeito ao Espaço, ao ser elaborado um Plano de Pesquisa, esse plano indica o espaço a ser vigiado, o que permite adequar os meios para realizar a pesquisa, por exemplo, se pretendermos fazer um reconhecimento de um itinerário ou uma área de grande dimensão é preferível usarmos

meios de pesquisa que tenham a capacidade de movimentação, como os *drones*, caso contrário podemos apenas colocar câmaras em infraestruturas.

O quarto e último princípio é a Capacidade. Este princípio está subdividido em três características sendo elas: Segurança e Risco, Ambiente das Operações e Redundância. Grande parte das vezes a informação era recolhida com recurso a equipamento que permitia salvaguardar a segurança e mitigar o risco da recolha de informação. Mesmo quando este equipamento era destruído ou danificado, existia um esforço na sua recuperação do local de pesquisa, de modo a eliminar vestígios das nossas forças para evitar que o inimigo tivesse indícios do que estava a ser pesquisado. Outras vezes a recolha era feita pelos próprios militares, dado que estes se constituem como um sensor de recolha. A utilização dos próprios militares por vezes aumentava o risco da operação de pesquisa de informação. Todos os meios tinham de ser adequados ao ambiente das operações, daí a utilização de aeronaves e de *drones* de modo a conseguir chegar a sítios de difícil acesso para outros meios de pesquisa.

No que diz respeito à Redundância, era notório o esforço na utilização de mais do que um meio de pesquisa na obtenção de informação, no entanto nem sempre era possível. Mesmo assim, desde a 1ªFND até à 6ªFND, são visíveis os desenvolvimentos feitos no âmbito do avanço tecnológico dos equipamentos, assim como o aumento da preocupação de dotar a força com mais meios de pesquisa de informação.

Face ao exposto, da análise e discussão dos resultados, apresenta-se o Quadro 4, que procura de uma forma resumida, salientar algumas das lacunas inferidas, assim como, recomendações que se propõem, como forma de as mitigar.

**Quadro 4 - Lacunas e Recomendações**

<b>Lacuna</b>	<b>Recomendação</b>
As Informações fornecidas pela MINUSCA revelam-se insuficientes e inadequadas.	A estrutura das Informações da MINUSCA deverá sofrer uma reestruturação, através de terminais de partilha de informações entre os diversos intervenientes da estrutura de informações presentes no TO, assim como aumentar a aposta na formação dos operadores de Informações
Dificuldade na partilha de informações entre os diferentes departamentos.	Agilizar o fluxo e partilha de informações, assim como criar canais que facilitem esse fluxo, reuniões periódicas e workshops sobre temas específicos.

Falta de equipamentos de pesquisa de informação	Preocupação em adquirir mais equipamento e com mais diversidade para garantir a redundância da proveniência da informação.
Reduzida capacidade tecnológica dos sensores de recolha de informação, principalmente de <i>drones</i> , tratamento de imagem e cartografia	Atualizar de forma sistemática e contínua, os sensores de recolha de informação, bem como os respetivos planos de pesquisa.
Falta de Formação adequada por parte dos sensores humanos, nomeadamente os militares que efetuam a recolha de informação.	Assegurar uma formação o mais completa possível durante a fase de aprontamento, dos militares que irão durante a missão atuar como sensores. Dotar a força de uma capacidade de recolha e análise de Informações, podendo empenhar-se elementos de operações especiais ou operadores HUMINT.
Falta de recursos humanos que permitam otimizar a capacidade da Célula de Informações na obtenção e recolha de informações.	Aumentar o efetivo da Célula de Informações, ou eventualmente perspetivar o emprego de uma Célula de Informações Militares em apoio à FND.

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Resultado da análise e reflexão crítica deste TIA, é importante antes de mais, lembrar o OG definido. Deste modo, procura-se avaliar de que modo a recolha de Informações contribui para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano no Teatro de Operações da República Centro Africana. Este OG foi materializado através da formulação de uma PP: De que modo pode a recolha de Informações contribuir para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano na República Centro Africana?

Com o intuito de responder à PP, foram criadas três PD para fazer um enquadramento do objetivo da investigação. Deste modo, foi seguida uma estratégia de investigação qualitativa materializada num desenho de pesquisa transversal, segundo uma metodologia de raciocínio essencialmente dedutivo. Importa salientar que, esta investigação foi completada através de entrevistas semiestruturadas feitas a uma amostra de indivíduos especialistas e com responsabilidades de comando e direção de FNDs, que nos permitiu consolidar e traçar a análise da temática, assim como ao chefe do CSMIE e ao J2 do CCOM. Foi utilizado o método de inquérito por entrevista dado que permite obter informação de forma mais completa daqueles que adquiriram experiência sobre o tema no TO e daqueles que apoiaram as FNDs em território nacional.

De acordo com a metodologia, numa fase inicial, o foco centrou-se no sentido de interpretar os dados recolhidos conceitualmente enquadrantes, nomeadamente, as principais teorias relacionadas com as Informações, CAU e sobre a RCA.

O CAU é caracterizado por apresentar operações mortíferas e complexas. Atualmente, apesar da utilização de armas e equipamentos tecnológicos modernos que tornam o combate mais simples, o CAU não deixa de se caracterizar por ser complexo e cansativo e que requer um planeamento mais exaustivo e detalhado por parte do comandante.

A resposta à PD1, **“Quais são os modos de emprego das tecnologias na obtenção de informação em Operações em Ambiente Urbano na República Centro Africana?”**, prende-se com a utilização de *drones*, *UAV*, meios aéreos (com recurso a aeronaves de asa fixa e asa rotativa), câmaras de videovigilância de alta definição colocadas em infraestruturas, durante o dia com aparelhos de ampliação de imagem e à noite com aparelhos de visão noturna, câmaras individuais (tipo *GoPro*), câmaras colocadas em

balões suspensos com o intuito de proceder à recolha de Informações principalmente em AU, câmaras térmicas e utilização de fontes abertas (com recurso à *Internet*).

Como resposta à PD2, **“Quais os tipos de Operações em Ambiente Urbano e as suas características na República Centro Africana?”**, verificamos que a RCA se apresenta como um ambiente complexo, incerto e violento, apresentando um risco permanente, fruto das multiameaças presentes, associada à existência de grupos armados emergentes devido à escassez de alimentos, cuja luta pelos recursos naturais se releva, causando e potenciando, ainda mais, as difíceis condições sociais e de segurança do TO. Estes fatores condicionam em muito a condução das operações militares neste TO.

Assim, os tipos de operações em AU realizadas na RCA eram missões de combate, patrulhas de segurança, vigilância e reconhecimento de área, proteção de infraestruturas ou áreas sensíveis, proteção de entidades ou outras forças, operações de cerco e busca, proteção de Entidades (VIP) e atividades de coordenação Civil e Militar (CIMIC), assim como proteção de civis, infraestruturas e “terreno-chave”. Estas operações podem ser realizadas em período noturno ou diurno, sendo empenhada em situações de elevado grau de mobilidade e uma resposta rápida e decisiva para proteger a população.

Por conseguinte, infere-se ainda que a volatilidade deste ambiente operacional condiciona também a recolha das Informações, observando-se este processo com inúmeras lacunas e deficiências, quer por parte do escalão superior (MINUSCA), quer por parte das FNDs. Estas falhas notórias devem-se, essencialmente, à falta de recursos humanos capacitados, com *skills* que permitam tornar eficiente a recolha das Informações. Verifica-se, ainda, a utilização de equipamento desadequado para este tipo de tarefas ou atividades de Informações.

Neste estudo verificou-se também que a maior fonte de Informações do TO da RCA é a população, estando aqui evidenciado a HUMINT. Esta recolha de Informações tendo como fonte a população, deve-se ao facto das Informações disponibilizadas pela MINUSCA, se revelarem insuficientes.

Assim, como resposta à PD3, **“Qual a importância das informações nas Operações em Ambiente Urbano na República Centro Africana?”**, denotamos que a recolha e análise das Informações no TO da RCA revela-se, como em qualquer outro TO, de extrema importância para o sucesso das operações levadas a cabo pelas FNDs, contribuindo de forma eficiente para estas operações. Em suma, o produto das Informações deve procurar de forma contínua e sistemática assegurar uma capacidade interventiva e

principalmente, conseqüente no apoio às operações e à tomada de decisão de um comandante, ainda que, não se assuma indispensável à mesma.

Deste modo e como intuito de responder à PP, verificamos que as Informações devem apresentar determinada qualidade com as seguintes características: as Informações devem ser antecipatórias de modo a antecipar a decisão do comandante de modo a apoiar a mesma; devem ser oportunas, isto é, devem estar disponíveis quando o comandante necessitar; precisas, ou seja, devem ser factualmente corretas; devem ser completas; devem ser relevantes; objetivas na sua totalidade; e disponíveis, estando sempre acessíveis ao comandante. A eficiência materializa-se pela oportunidade de realizar treinos específicos e adequar os meios para as respetivas operações, permitindo ao comandante ter uma ideia mais aproximada da realidade da área de operações, assim como de todas as suas variáveis, resultando num planeamento mais completo e detalhado, mitigando o risco de baixas e contribuindo assim para o sucesso da missão. Logo, sem informação válida, credível e atempada o risco de baixas nas nossas forças aumenta.

Portanto, é absolutamente importante obter o máximo de informação credível sobre a operação a realizar o que atribui ao comandante e aos executantes as condições necessárias para evitar surpresas durante o combate e, assim, obter segurança no cumprimento da missão.

Como recomendações de soluções às lacunas encontradas, defende-se que deva existir uma CIM dotada de capacidades que permitam uma recolha de informações mais pormenorizada e completa, que permita apoiar as FNDs e que seja responsável por toda a aquisição de informação. Para tal, é necessário munir esta CIM de militares que devem ser especialmente treinados e selecionados de modo a que consigam cumprir a missão com o mínimo de esforço possível (eficiência), daí a importância da aposta na formação destes militares. Outra proposta é a utilização de elementos de operações especiais, de modo a realizarem reconhecimentos e, deste modo, tornarem-se numa ferramenta essencial para o cumprimento da missão.

As limitações deste trabalho deveram-se, principalmente, à situação atual que vivemos relativa ao confinamento devido à pandemia mundial do *Covid19* e que, deste modo, impediu que fossem realizadas entrevistas presenciais, limitando assim a quantidade de informação obtida.

As recomendações para investigações futuras, passam por estudar o impacto das Informações no TO do Afeganistão e criar um paralelismo com o TO da RCA de forma a comparar e verificar as diferenças mais acentuadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[IESM], I. d. (2016). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: IESM.

[IESM], I. d. (2014). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: Ministério da Defesa, Estado-Maior General das Forças Armadas.

Amnesty International. (2017). *Amnesty International Report 2016/17*. Londres: Amnesty International Ltd. .

Baker, R. (2007). *HUMINT Centric Operations: Developing Actionable Intelligence in the Urban Counterinsurgency Environment*. Kansas City: Military Review, 87(2), 1221.

Balogh, A., Besenyő, J., Miletics, P., & Vogel, D. (2016). *La République Centrafricaine*. Szeged.

Bartolomeu, J. (2010). *Informações Militares para Portugal (Tese de Dissertação de Mestrado)*. Lisboa : Instituto de Ciências Sociais e Políticas [ISCSP].

BBC, 2017. BBC. [Em linha] Disponível em: [www.bbc.com/news/world-africa-13150043](http://www.bbc.com/news/world-africa-13150043) [Acedido em 15 fevereiro 2020].

Bertaux, D. (2016). *Le Récit De La Vie (4e Édition)*. Paris: Armand Colin.

Bispo, A. J. (2004). A Função de Informar. In C. d. Moreira, *Informações e Segurança. Estudos em homenagem do General Pedro Cardoso*. Lisboa: Prefácio Edição.

Boas, M. (2014). *The Central African Republic - a history of a collapse foretold*. Oslo: Norwegian Institute of International Affairs.

Campos, L., Santos, Vieira, & Silva. (2016). *O Conflito na República Centro Africana. Série de Conflitos Internacionais. 3(1), 1-7* Acedido a 24 de março de 2020, em <https://studylibpt.com/doc/3643653/o-conflito-na-rep%C3%BAblica-centroafricana> .

Cardoso, P. (1995 ). *As Informações em Portugal* . Lisboa: IDN.

Cardoso, P. (2004). *As Informações em Portugal* . Lisboa : Gradiva.

Carvalho, J. E. (2009). *Metodologia do Trabalho Científico. «Saber-Fazer» da investigação para dissertações e teses (2ª Edição ed.)*. Lisboa: Escolar Editora.

CEDN. (2013). *Conceito Estratégico de Defesa Nacional*. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional .

Chiavenato, I. (2003). *Teoria Geral da Administração*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Central Intelligence Agency [CIA] (2019). Africa - Central African Republic. In The World Fact Book. Acedido a 20 de março de 2020, em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ct.html>

Costa, A. (2019). *DMC 09 Informações no âmbito da NATO*. Lisboa: IUM.

Diniz, P. (2009). *Academia de letras [Pdf]*. . Acedido a 4 de abril de 2020: <http://academialetrasbrasil.org.br/carta001paulodiniz.pdf>.

Dukhan, N. (2016). *The Central African Republic crisis*. Birmingham: UK: GSDRC, University of Birmingham. .

EEAS, 2018. European External Action Service. [Em linha] Disponível em: [https://eeas.europa.eu/csdp-missions-operations/eutm-rca\\_en](https://eeas.europa.eu/csdp-missions-operations/eutm-rca_en) [Acedido em 22 Fevereiro 2020].

Encyclopaedia Britannica. (2020). Central African Republic. In Encyclopædia Britannica. Acedido em 13 de março de 2020, em: <https://www.britannica.com/place/CentralAfrican-Republic>

Escorrega, L. C. (2009). A Segurança e os “Novos” Riscos e Ameaças: Perspetivas Várias. *Revista Militar* .

EUA. (2013). *Joint Intelligence, Joint Publication 2-0*. . Washington: Joint Chiefs of Staff.

Exército Brasileiro. (2017). *Missão de paz Individual - República do Centro*. Obtido de Comando das Forças Terrestres Brasileiro. Acedido a 20 de abril de 2020, em <http://www.coter.eb.mil.br/index.php/missao-individual-divmispaz>.

Exército Português. (2009). *PDE 2.00 - Informações, Contrainformação e Segurança*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.

Exército Português. (2012). *PDE 3-00 Operações* . Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.

Exército Português. (2011). *PDE 3-07-14 Manual de Combate em Áreas Edificadas*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.

Exército Português. (2015). *Quadro Orgânico 07.02.04 - Centro de Segurança Militar e de Informações do Exército*. Amadora: Ministério da Defesa Nacional .

FFP. (2017). [www.fundforpeace.org](http://www.fundforpeace.org). Acedido em 19 de Fevereiro de 2020, de Fund For Peace: <http://fundforpeace.org/fsi/country-data/>

Figueira, J., 2018. A instabilidade na RCA em 2016/2017 [Entrevista] (4 Maio 2018).

Freixo, M. J. (2018). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas* (5ª edição). Lisboa: Instituto Piaget.

Global Security Org. (2018). *Central African Republic Maps*. Acedido em 23 de abril de 2020, em <https://www.globalsecurity.org/military/world/africa/carmaps.htm>.

Global Witness. (2017). *A GAME OF STONES*. Obtido em 02 de dezembro de 2019, de : <https://www.globalwitness.org/en/campaigns/central-african-republic-car/game-of-stones/#chapter-0/section-1>.

Goldman, J. (2006). *Words of intelligence: a dictionary*. Maryland: The Scarecrow Press.

Graça, P. B. (2009). *Estudos de Intelligence*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas .

Herman, M. (1996). *Intelligence power in peace and war* (1.ª ed.). Cambridge: The Press Syndicate of the University of Cambridge.

HRW. (2017). *Human Rights Watch*. Acedido em 11 de abril de 2020, em [https://www.hrw.org/sites/default/files/report\\_pdf/car0717\\_web.pdf](https://www.hrw.org/sites/default/files/report_pdf/car0717_web.pdf)

HRW. (2018). *WORLD REPORT 2018*. United States of America: HUMAN RIGHTS WATCH.

IPIS. (2020). *SERVIÇO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO SOBRE PAZ*. Acedido em 13 de abril de 2020, em <https://ipisresearch.be/home/conflict-mapping/maps/conflict-mapping-car/>

Lemos, A., Marques, C., Almeida, J., Jesus, J., & Ferraz, P. (2019). *O PAPEL DAS INFORMAÇÕES MILITARES NO APOIO*. Caldas da Rainha: ESCOLA DE SARGENTOS DO EXÉRCITO.

Lombard, L. (2016). *State of Rebellion - Violence and Intervention in the Central African Republic*. Londres: Zed Books.

McGrew, L. (2016). *Conflict Analysis: Central African Republic*. Baltimore, USA: Catholic Relief Services.

Menezes, A. P. (2012). *Sistemas de Informações Nacionais. Contributos para a percepção da eficácia* . Lisboa: ISCTE.

MINUSCA. (2020). *FOLHA DE DADOS DA MINUSCA*. Bangui: UN.

Moura, T. (14 de novembro de 2019). A importância das Informações . (S. Lemos, Entrevistador)

- Mouta, L. M., Correia, M. J., Balula, J. M., Viana, M. P., & Neves, P. F. (2018). *O TEATRO DE OPERAÇÕES DA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA – ATUAL AMBIENTE OPERACIONAL*. Pedrouços: IUM.
- NATO. (2016). *Urban Tactics ATP\_99*. Bruxelas: NATO
- NATO. (2016). *AJP 2.0- Allied Joint Doctrine for Intelligence, Counter-Intelligence and Security ed s.l.* NATO: Standardization Agency.
- Office of the Director of National Intelligence. (2014). *U.S. National Intelligence - 2013 Overview*. Acedido em 10 de março de 2020, em [https://www.dni.gov/files/documents/USNI%202013%20Overview\\_web.pdf](https://www.dni.gov/files/documents/USNI%202013%20Overview_web.pdf)
- ONU. (2018). *United Nations Peacekeeping*. Nova Iorque: ONU
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal.
- Pinto, M. R. (2001). *As Informações na Idade da Informação*. Lisboa : Revista Militar.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rêgo, H. C. (2014). *A Inteligência dos Estados*. Lisboa : Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Ribeiro, A. S. (2009). *Teoria Geral da Estratégia: O Essencial ao Processo Estratégico*. Coimbra: Almedina.
- Richard A. Best, J., & Cumming, A. (2008). *Open Source Intelligence (OSINT): Issues for Congress*. Washington,DC: Congressional Research Service.
- Rocio, V. (2010). *Tecnologias da Informação e Comunicação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- RWB. (2018). *Reporters Without Borders*. Acedido em 15 de abril de 2020, em [www.rsf.org](http://www.rsf.org): <https://rsf.org/en/central-african-republic>
- Sancha, J. C., Isidoro, J. A., Brito, R. G., Parreiras, A. M., & Silva, C. M. (2019). *O Sistema de Informações do Exército Português: atualidade e perspetivas de emprego*. Lisboa: Coleção ARES 33, IUM.
- Santos, R. J. (2012). *A PARTILHA DE INFORMAÇÕES EM PORTUGAL: CONTRIBUTO PARA O APERFEIÇOAMENTO DO SISTEMA*. Lisboa: IESM.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

- Serra, P. (2003). *Sistema de Informações Militares. Contributos para a sua reestruturação e operacionalidade*. Lisboa : Instituto Estudos Superiores Militares.
- Shulsky, A., & Schmitt, G. (2002). *Silent warfare: understanding the world of intelligence* . Washington DC: Brassey's.
- Silva, C. (2019). *HUMINT do conceito ao emprego militar*. Lisboa: IUM .
- Silva, C. M. (2018). *As Informações Militares - um Instrumento de Segurança e Defesa Nacional*. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Sun Tzu. (2009). *A Arte da Guerra*. Lisboa: Bertrand Editora.
- United Nations. (2019). *Military Peacekeeping - Intelligence Handbook*. New York: United Nations.
- US, Army. (2014). *Joint Intelligence Preparation of the Operacional Environment*. USA.
- Varino, A., 2018. A instabilidade na RCA em 2017/2018 [Entrevista] (15 Maio 2018).
- Varino, T. (14 de novembro de 2019). A importância das Informações . (S. Lemos, Entrevistador)
- Viana, C. (2010). O Princípio da eficiência: A eficiente eficácia da administração Pública. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade do Porto* , VII, 301-311.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Waltz, E. (2003). *Knowledge Management in the Intelligence Enterprise*. Norwood: Artech House.
- Warfare, I. o. (2005). *Key issues relevant to Actionable Intelligence*. *Torchbearer National Security Report*, [versão PDF]. Retirado de <https://www.ausa.org/sites/default/files/TBNSR-2005-ActionableIntelligence.pdf> .
- Weyns, Y., Hoex, L., Hilgert, F., & Spittaels., S. (2014). *Mapping Conflict Motives*. Central: IPIS.

# **APÊNDICE A – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS COMANDANTES DAS FNDs**

## **Guião de Entrevista**



ACADEMIA MILITAR

## **Inquérito por Entrevista**

O Trabalho de Investigação Aplicada é o culminar da formação de um Oficial dos Quadros Permanentes, quer no Exército quer na Guarda Nacional Republicana. O objetivo deste questionário é obter contributos práticos e reais, decorrentes da experiência e conhecimento profissional na temática em análise, de modo a poder reunir dados pertinentes ao estudo, sobre “O impacto da recolha de informações na eficiência da condução das operações militares em ambientes urbanos no Teatro de Operações da República Centro Africana”.

Nesse sentido, é importante o seu contributo, enquanto militar cuja experiência prática associada ao conhecimento teórico, assume um relevante instrumento de apoio à análise e possíveis contributos para melhoramento de processos.

Agradeço a sua disponibilidade.

Diogo Xavier de Oliveira

Aspirante de Infantaria

### **Caracterização do entrevistado**

**Nome:**

**Posto/ Função:**

**Local:**

**Data:**

### **Questões**

**1. Em que período esteve em missão no Teatro de Operações da República Centro Africana?**

**R:**

**2. No seu ponto de vista, de que forma pode caracterizar o ambiente operacional que enquadra as operações na República Centro Africana?**

**R:**

**3. Qual a tipologia de operações militares em Ambiente Urbano que a FND é expectável de ter de desenvolver na República Centro Africana? Quais as suas características?**

**R:**

**4. De que modo são recolhidas as informações no Teatro de Operações da República Centro Africana em apoio à FND?**

**R:**

**5. Quem é/ são o(s) responsável(eis) pela recolha das informações no Teatro de Operações da República Centro Africana?**

**R:**

**6. Quais são os modos de emprego das tecnologias na obtenção de informação em Operações em Ambiente Urbano na República Centro Africana?**

**R:**

**7. Como são processadas as informações no Teatro de Operações da República Centro Africana?**

**R:**

**8. De que modo as informações contribuem para o processo de decisão militar no Teatro de Operações da República Centro Africana?**

**R:**

**9. Na sua opinião, e numa perspectiva de análise focada nas Operações em Ambiente Urbano, qual a importância das informações nas na República Centro Africana?**

**R:**

**10. De que modo pode a recolha de Informações contribuir para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano na República Centro Africana?**

**R:**

**11. Quais as alterações que devem ser feitas, no âmbito das informações, com o intuito de melhorar as operações na República Centro Africana?**

**R:**

## APÊNDICE B – GUIÃO DE ENTREVISTA AO CHEFE DO CSMIE

### Guião de Entrevista



ACADEMIA MILITAR

### Inquérito por Entrevista

O Trabalho de Investigação Aplicada é o culminar da formação de um Oficial dos Quadros Permanentes, quer no Exército quer na Guarda Nacional Republicana. O objetivo deste questionário é recolher informações sobre “O impacto da recolha de informações na eficiência da condução das operações militares em ambientes urbanos no Teatro de Operações da República Centro Africana”.

O principal intuito da realização de entrevistas é recolher dados para o Trabalho de Investigação Aplicada no âmbito das Informações no Teatro de Operações da República Centro Africana. Peço que responda com sinceridade para que o trabalho seja o mais coerente e realista possível. Muito obrigada pela sua disponibilidade.

Desde já agradeço a sua disponibilidade.

Diogo Xavier de Oliveira

Aspirante de Infantaria

## Caracterização do entrevistado

**Nome:**

**Posto/ Função:**

**Local:**

**Data:**

### **Questões**

- 1. Qual o papel que o CSMIE desempenha no âmbito da FND RCA? (antes, durante e após o cumprimento da missão em TO)**

**R:**

- 2. No âmbito das Informações, qual o papel que o CSMIE desempenha em prol da FND? Considera poder haver alguma margem para aumentar a sua participação? Se sim, de que modo?**

**R:**

- 3. Face à experiência que advém do acompanhamento deste TO, considera que o aprontamento da FND, no âmbito das Informações é ajustado e suficiente para os desafios da missão?**

**R:**

- 4. Existe alguma sinergia estabelecida com a FND no TO, tendo em vista partilha de informações?**

**R:**

- 5. Considera haver um retorno prático de lições identificadas (após a retração do TO), contribuintes para melhoria da preparação de futuras FND a projetar?**

**R:**

- 6. Existem algumas recomendações que considera pertinentes para a melhoria da recolha e tratamento de informações num TO tão complexo como o da RCA,**

**em prol da missão? (Ao nível da FND, dos recursos humanos ou materiais, do apoio prestado pelo CSMIE ou pelo CCOM)**

**R:**

## APÊNDICE C – GUIÃO DE ENTREVISTA AO J2 DO CCOM

### Guião de Entrevista



ACADEMIA MILITAR

### Inquérito por Entrevista

O Trabalho de Investigação Aplicada é o culminar da formação de um Oficial dos Quadros Permanentes, quer no Exército quer na Guarda Nacional Republicana. O objetivo deste questionário é recolher informações sobre “O impacto da recolha de informações na eficiência da condução das operações militares em ambientes urbanos no Teatro de Operações da República Centro Africana”.

O principal intuito da realização de entrevistas é recolher dados para o Trabalho de Investigação Aplicada no âmbito das Informações no Teatro de Operações da República Centro Africana. Peço que responda com sinceridade para que o trabalho seja o mais coerente e realista possível. Muito obrigada pela sua disponibilidade.

Desde já agradeço a sua disponibilidade.

Diogo Xavier de Oliveira  
Aspirante de Infantaria

## Caracterização do entrevistado

**Nome:**

**Posto/ Função:**

**Local:**

**Data:**

### **Questões**

- 1. Qual o papel que o CCOM desempenha no âmbito da FND RCA? (antes, durante e após o cumprimento da missão em TO)**

**R:**

- 2. No âmbito das Informações, qual o papel que o CCOM desempenha em prol da FND? Considera poder haver alguma margem para aumentar a sua participação? Se sim, de que modo?**

**R:**

- 3. Face à experiência que advém do acompanhamento deste TO, considera que o aprontamento da FND, no âmbito das Informações é ajustado e suficiente para os desafios da missão?**

**R:**

- 4. Existe alguma sinergia estabelecida com a FND no TO, tendo em vista a partilha de informações?**

**R:**

- 5. Considera haver um retorno prático de lições identificadas (após a retração do TO), contribuintes para melhoria da preparação de futuras FND a projetar?**

**R:**

- 6. Existem algumas recomendações que considera pertinentes para a melhoria da recolha e tratamento de informações num TO tão complexo como o da RCA,**

**em prol da missão? (Ao nível da FND, dos recursos humanos ou materiais, do apoio prestado pelo CSMIE ou pelo CCOM)**

**R:**

## APÊNDICE D – QUADRO DE APRESENTAÇÃO DE DADOS

**Quadro 5 - Resposta à questão nº1**

FND	Questão nº1: <b>Em que período esteve em missão no Teatro de Operações da República Centro Africana?</b>
1	“De 17 de janeiro a 04 de setembro de 2017, como Cmdt da 1FND/MINUSCA, e de julho de 2019 a janeiro de 2020, como J3 LNO da EUTM com a MINUSCA.”
3	“De 05MAR a 6SET18.”
4	“A 06 de setembro de 2018, o 2BIPara_4FND(Conj)MINUSCA constituiu-se como Quick Reaction Force (QTF) da Componente Militar da MINUSCA na República Centro Africana (RCA), assumindo a designação de PRTQRF, até 06 de março de 2019.”
6	“...6ª Força Nacional Destacada (Conjunta) ao serviço da United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic (MINUSCA) no âmbito das informações, entre o 12SET19 e o 12MAR20.”

**Quadro 6 - Resposta à questão nº2**

FND	Questão nº2: <b>No seu ponto de vista, de que forma pode caracterizar o ambiente operacional que enquadra as operações na República Centro Africana?</b>
1	“Ambiente complexo, incerto e violento, apresentando um risco permanente, fruto das multiameaças (grupos armados, doenças, inúmeros atores – conhecidos e desconhecidos) e das difíceis condições do teatro de operações – salubridade, terreno, clima e condições meteorológicas.”
3	<p>“Ambiente Operacional complexo, - Operações de Alta Intensidade – Curtos Períodos de Tempo – ambiente Volátil - Imprevisível – Complexo – Ambíguo - Urbano (VICAU).</p> <p>Elevado desgaste psicofísico.</p> <p>Em boa verdade a 3FND (Conj) /MINUSCA deparou-se com um desafio operacional, para o qual se preparou em Portugal, mas que seria pouco expectável que se torna-se realidade, o combate urbano - tipo favela - em ambiente noturno, agregando as denominadas “<i>flash mobs</i>” e bloqueios de estrada com a ativação de engenhos explosivos, as técnicas treinadas foram suficientes para a boa resolução dos conflitos, tendo de alterar as mesmas pois verificou-se que os Grupos Armados (GA), também têm um processo de aprendizagem, desta forma a FND manteve-se sempre consistente na abordagem às zonas de conflito, anulando as Táticas Técnicas e Procedimentos (TTP) dos Grupos Armados.”</p>
4	<p>“(1) A RCA situa-se na África Central e faz fronteira com seis países: a oeste com os CAMARÕES (901 km), a norte com o CHADE (1,556 km), a nordeste com o SUDÃO (174 km), a este com o SUDÃO DO SUL (901 km) e a sul com a REPÚBLICA DO CONGO (487 km) e com a REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO (RDC) (1,747 km);</p> <p>(2) A RCA possui uma população aproximada de 5 milhões e 500 mil habitantes,</p>

	<p>segundo dados de 2016, distribuídos em mais de 80 grupos étnicos, e agrupados religiosamente em: maioria cristã – 50% (25% católicos e 25% protestantes), restante população divididos em 35% animista e 15% muçulmana;</p> <p>(3) As línguas oficiais são o Francês e o Sango, existindo outros idiomas;</p> <p>(4) Ocupa o penúltimo lugar no índice de desenvolvimento humano;</p> <p>(5) O país possui 14 prefeituras administrativas, 2 prefeituras económicas e 1 comuna autónoma, e a sua capital é BANGUI. O atual território da RCA é uma ex-colónia da FRANÇA, desde o final do século XIX até 1960, data em que o país se torna independente;</p> <p>(6) O território está dividido em 3 setores militares Oeste, Centro e Este e pela área da capital BANGUI;</p> <p>(7) Área total - 622 984km<sup>2</sup>: terrestre - 622 984 km<sup>2</sup>; comparação país para o mundo - 45.º; fronteiras terrestres - 5.920 km.</p> <p>(8) A situação na RCA é caracterizada pela existência de diferentes atores, que podem ser divididos em 4 grupos principais: Grupos Armados e grupos criminosos (Ex-Séléka (xSLK), Anti-Balaka (aBLK), e outros grupos), Governo da RCA e respetivas Forças Armadas (FACA) e Forças de Segurança (FSI e Gendarmerie), Organizações (MINUSCA, EUTM, Iniciativa da União Africana, ONG Internacionais e ONG Nacionais) e Países com interesses estratégicos e económicos (França, EUA, Rússia, China e países vizinhos);</p> <p>(9) No início de fevereiro através da Iniciativa da União Africana, com o apoio na mediação da UN e da Rússia, foi assinado em Cartum um acordo de Paz entre o Governo da RCA e os 18 Grupos Armados reconhecidos. De destacar no acordo, foi o compromisso dos GA em reconhecerem a legitimidade das instituições democráticas da RCA, a ordem constitucional e a integridade territorial. Bem como renunciar o recurso às armas e violência, entre eles, contra agentes do estado, Forças de Segurança, pessoal da ONU e todos os agentes humanitários, bem como aos abusos sobre a população civil em toda a extensão do território nacional. Atualmente, aguarda-se qual a extensão e efetividade do compromisso assinado, se bem, que nas próximas semanas, não se prevê grandes incidentes nem confrontos;</p> <p>(10) A situação localmente é sempre volátil, e vão continuar a acontecer esporadicamente pequenos conflitos entre grupos armados, pelo controlo de fontes de rendimentos para os grupos armados (controlo de minas, transumância, taxaço ilegal, etc). Com especial foco no triângulo BAMBARI – ALINDAO – BRIA e na zona Noroeste da RCA. Estes acontecimentos poderão colocar em causa o acordo de paz;</p> <p>(11) Com a assinatura do acordo de paz, espera-se que alguns grupos armados iniciem o processo de DDR com o Governo da RCA; (5) Tem existido manifestações por parte da população para o levantamento do embargo internacional para a compra de armamento pela RCA. Existe ainda uma pressão de alguns países para equipar as FACA e FSeg; (6) Atualmente, prevê-se que a maior ameaça no território da RCA seja o crime organizado, nomeadamente para ONG, sendo que para a MINUSCA o nível é baixo.”</p>
6	Não respondeu

**Quadro 7 - Resposta à questão nº3**

FND	Questão nº3: Qual a tipologia de operações militares em Ambiente Urbano que a FND é expectável de ter de desenvolver na República Centro Africana? Quais as suas características?
1	<p>“A Força foi organizada para ser empregue fora da sua Base Operacional Principal (BOP), em BANGUI, capital do país, em qualquer ponto do território da RCA, em missões de combate, de patrulhamento de segurança, vigilância e reconhecimento de área, de proteção de infraestruturas ou áreas sensíveis e de força de proteção de entidades ou outras forças, quer fossem em ambiente urbano (leia-se áreas edificadas) ou não urbano (rural/floresta). Nesta sequência as operações vocacionadas para ambiente urbano foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Proteção de civis;</li> <li>- Proteção de Entidades (VIP), infraestruturas e bens – Nacionais, NU e RCA;</li> <li>- Patrulhas de segurança;</li> <li>- Operações de Cerco e Busca;</li> <li>- Segurança de infraestruturas e terreno-chave;</li> <li>- Atividades de Coordenação Civil e Militar (CIMIC).”</li> </ul>
3	<p>“De acordo com o PDE -3-00 Operações desenvolvemos as seguintes tipologias de operações:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ataque;</li> <li>- Demonstração;</li> <li>- Defesa de área;</li> <li>- Estabelecer um ambiente seguro e estável;</li> <li>- Apoiar o restabelecimento da segurança pública;</li> <li>- Reconhecimento;</li> <li>- Segurança;</li> <li>- Estabelecer áreas Seguras.”</li> </ul>
4	<p>“Limpeza, cerco e busca, controlo, segurar, segurar, ataque e apoio pelo fogo.”</p>
6	<p>“A 6FND(Conj)/MINUSCA é uma QRF portuguesa (PRTQRF) sob Controlo Operacional (OPCON) do FC, capaz de executar operações em ambiente urbano ou rural, em período diurno e noturno, sendo empregue em situações que exijam em elevado grau de mobilidade e uma resposta rápida e decisiva para proteger a população.”</p> <p>“Uma das tarefas principais dada à PRTQRF é efetuar operações de vigilância e de recolha de Informações.”</p>

**Quadro 8 - Resposta à questão nº4**

FND	Questão nº4: De que modo são recolhidas as informações no Teatro de Operações da República Centro Africana em apoio à FND?
1	<p>“Ao nível das informações a Força era alimentada de duas formas:</p>

	<p>- Pelo escalão superior Através da MINUSCA, EUTM, Exército e Estado-Maior General das Forças Armadas.</p> <p>- Por meios próprios (1FND) Através da recolha de indícios ou informações por intermédio de reconhecimentos, terrestres e aéreos, a itinerários ou áreas específicas dentro do TO – onde era elaborado um Plano de Pesquisa – e pelos contactos com população local e elementos armados, assim como por intermédio de ONG ou outras Forças no terreno.”</p>
3	<p>“São fornecidas pelo J2 do EM/MINUSCA. Através dos quesitos de pesquisa elencados pela força através dos CCIR do Cmdt. Todo o militar é um sensor. Recorremos ao HUMINT – SIGINT – IMINT que nos foi possível.</p> <p>São solicitados RFI ao escalão superior.”</p>
4	<p>“Via área das informações do escalão superior, (MINUSCA), através da rede de contactos que a Força desenvolveu, através da contacto com outras entidades militares e policiais no teatro, através de sensores da força (<i>drones</i> e patrulhas de reconhecimento), através de <i>drones</i> da MINUSCA e através de OSINT.”</p>
6	<p>“Desenvolvimento de um plano de pesquisa e acompanhamento de uma área específica:</p> <p>(1) Mediante os <i>Hotspots</i> elencados, o estudo torna-se focado em certas áreas com mais pormenor – antevendo as projeções da força;</p> <p>(2) Aquando de projeção da força, quer existissem indicações do escalão superior ou não a força desenvolveu sempre um Plano de Pesquisa por forma a garantir o <i>Situational Awareness</i> da AOp onde atuava, conjugando todos os meios possíveis de recolha de informação (HUMINT, AIR Recce através de helicópteros MI17 e <i>Drones</i> de tipo quadcopteros de tipo <i>Phantom 4 pro+</i> e <i>Orbiters</i> de tipo 2 e 3);</p> <p>(3) Todos os produtos, depois de compilada e tratada a informação, foram divulgados ao escalão superior (MINUSCA e Nacional).”</p>

**Quadro 9 - Resposta à questão nº5**

FND	Questão nº5: <b>Quem é/ são o(s) responsável(eis) pela recolha das informações no Teatro de Operações da República Centro Africana?</b>
1	<p>“A QRF está inserida na MINUSCA, recebendo desta estrutura informação relativa ao TO, quer através de relatórios específicos, quer através de Planos e Ordens de Operações. A MINUSCA possui estruturas vocacionadas para as informações, sejam elas militares ou civis, com células de informações que recolhem, analisam e difundem pelas subunidades – embora esta área seja um dos pontos fracos da missão, pois baseia-se em forças e elementos que estão no terreno e, muitas vezes, esses não possuem os <i>skills</i> adequados à missão que desempenham, transmitindo relatórios com pouca e difusa informação. Dentro da Força existe também uma célula de informações, mas com pouca capacidade de recolha e tratamento, dada a dimensão da Força, no entanto é responsabilidade do Oficial de Informações, nessa área específica, do seguinte:</p> <p>- Obter e difundir informações sobre as condições meteorológicas;</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reunir, avaliar, interpretar e difundir informação respeitante aos efeitos das condições meteorológicas, terreno e ameaças na missão da Força;</li> <li>- Preparar estudos da situação de informações e de contrainformação;</li> <li>- Elaborar os relatórios no âmbito das informações – Relatório Periódico de Informações e Sumário de Informações (INTSUM);</li> <li>- Assegurar que as informações acerca da ameaça são difundidas, de imediato, para o escalão superior e subunidades da Força;</li> <li>- Efetua os briefings de Intel quando a situação o justificar ou quando solicitado.”</li> </ul>
3	<p>“Todos os militares são sensores e devem recolher as informações de acordo com os quesitos de pesquisa e PIR recebidos. Na prática o J2/QG/MINUSCA é o responsável por essa tarefa. Há outros atores externos que contribuem para a recolha de info.</p> <p>Ao nível estratégico e político da MINUSCA é o <i>Joint Mission Analysis Center</i> (JMAC).”</p>
4	<p>“Célula de informações da MINUSCA, (componente militar e componente civil e policial), e na Força a secção de informações.”</p>
6	<p>“Acompanhamento da situação geral na RCA, através de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>(1) INTSUM diário da MINUSCA;</li> <li>(2) A participação na reunião semanal de informação com o U2 que ocorre em VTC com todas as células de Informações dos diversos setores (são três) e <i>Task Forces</i> (em Bangui e Bambari);</li> <li>(3) Procura diária em Fontes Abertas para a execução do relatório diário OSINT (<i>Open Source Intelligence</i>) elaborado pela 6FND (Conj) /MINUSCA;</li> <li>(4) Receção regular de um produto da Informação Pública da MINUSCA com resumo da imprensa local.</li> </ul> <p>Para obtenção de cartografia da RCA existem 3 canais: MINUSCA através do GIS (maioritariamente mapas gerais e fotografias áreas das principais cidades); CIGOE (cartografia 1:50000 que cobre a quase totalidade da AOO e fotografias aéreas de áreas a requisitar pela força) e produtos do CSUE (centro de Satélites da União Europeia) através da Sec GEOINT do CCOM (route analysis e análises de cidades ou áreas requisitadas).”</p>

**Quadro 10 - Resposta à questão nº6**

FND	Questão nº6: <b>Quais são os modos de emprego de tecnologias na obtenção de informação em Operações em Ambiente Urbano na República Centro Africana?</b>
1	<p>“Na RCA, em ambiente urbano, os meios tecnológicos disponíveis para a recolha de informações são os seguintes: fontes abertas (com recurso à internet); câmaras térmicas; UAV e <i>drones</i>; meios aéreos (com recurso a aeronaves de asa fixa e asa rotativa); e câmaras de videovigilância – individuais (tipo <i>GoPro</i>) ou mais sofisticadas, localizadas em locais e infraestruturas-chave ou apoiadas em balões suspensos (especialmente vocacionadas para a recolha de imagens) nos centros urbanos.”</p>

3	<p>“HUMINT – SIGINT – IMINT – OSINT.</p> <p>Utilização de <i>drones</i>/ Reconhecimento aéreo (<i>Helis</i>) ou terrestre / Utilização de camaras de alta definição colocadas em balão/sistemas eletrônicos/ fotografia aérea/ Varrimento espectro.”</p>
4	<p>“Uso de <i>drones</i>, vigilância diurna com recurso a aparelhos de ampliação de imagem, vigilância noturna com recurso a aparelhos de visão noturna.”</p>
6	<p>“HUMINT, AIR <i>Recce</i> através de helicópteros MI17 e <i>Drones</i> de tipo quadcopteros de tipo <i>Phantom 4 pro+</i> e <i>Orbiters</i> de tipo 2 e 3)”</p>

Quadro 11 - Resposta à questão nº7

FND	Questão nº7: Como são processadas as informações no Teatro de Operações da República Centro Africana?
1	<p>“A FND, como referido na questão 4., liga-se diretamente a determinadas entidades (nacionais e no TO) de quem recebe informações – MINUSCA, EUTM, EMGFA, Exército – , assim como recolhe no TO algumas informações – população, elementos armados, contingentes da MINUSCA e ONG. A receção de informação pelo canal formal efetua-se através de planos, ordens, mensagens ou relatórios (normalmente via SECNET). A recolha de informação faz-se através de operações de reconhecimento (baseado num Plano de Pesquisa), contacto com a população e outros atores de interesse (já referenciados). Esta informação é transformada em relatórios, normalmente SITREP ou RELIM, e é enviada para o escalão superior pelos canais seguros utilizados entre a Força e os restantes interlocutores (mensagem, envelope, mail). De referir que a Força tem vários sistemas que garantem a segurança das informações, além de ter um Oficial de Informações que se liga diretamente com outros atores responsáveis por esta área. Do TO só sai informação validada pelo Cmdt da Força.”</p>
3	<p>“Ao nível da Força adaptamo-nos às poucas informações que nos eram fornecidas. Apesar de não ter sido atribuída uma AOp, ao nível da pesquisa de informações, responsabilidade da Força, a mesma desenvolveu diversas atividades com a finalidade de obtenção de notícias nas áreas em que estava a operar, o que permitiu obter informações consideradas importantes e contribuir para a produção de informações para a MINUSCA.</p> <p>Em termos de informações foram utilizados canais formais e informais, sendo essas informações reportadas para o escalão superior, quando avaliadas como importantes, de forma a serem analisadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Canais formais: HQ/MINUSCA, EUTM, ONG.</li> <li>- Canais informais: População local, elementos amigos (credíveis) a trabalhar na RCA, <i>Twitter</i>, <i>Facebook</i>, imprensa local e imprensa internacional. Nacional (CSMIE – CISMIL).</li> </ul> <p>Diariamente era efetuado um briefing de atualização da situação das Informações, no quartel general da MINUSCA com as atualizações sobre o estado de segurança no TO.”</p>
4	<p>“Seguem o processo de tratamento de notícias para serem transformadas em</p>

	informação pertinente para a Força, (na célula de informações da MINUSCA e na secção de informações da Força), de acordo com a doutrina de referência (ONU e NATO no caso da nossa Força). Estas informações para serem realmente pertinentes para a Força, dado que esta é uma Força de baixo escalão, têm que ser detalhadas ao nível da atitude, capacidades e dispositivo do inimigo.”
6	Não respondeu

**Quadro 12 - Resposta à questão nº8**

FND	Questão nº8: <b>De que modo as informações contribuem para o processo de decisão militar no Teatro de Operações da República Centro Africana?</b>
1	<p>“O contributo das informações para qualquer operação é uma condição <i>“sine qua non”</i>. Qualquer processo de decisão tem que ter em linha de conta todos os elementos que possam influenciar a missão e, neste âmbito, as informações são essenciais, não fossem elas consideradas um dos fatores de decisão. O processo de decisão militar é faseado, sendo elaborado pelo Estado-Maior da Força (EM) – e em paralelo pelo Cmdt –, culminando na decisão e conceito. O contributo neste âmbito é feito através de um apurado estudo de situação de informações, muito focado nas ameaças e no terreno e condições meteorológicas. Não esquecer que ao nível de uma Força, como a QRF, o trabalho de EM até à decisão e conceito é feito de forma colaborativa, envolvendo todos os Oficiais de EM e Cmdts Subordinados, e neste caso a RCA não é exceção.”</p>
3	<p>“Muito importante. Necessárias para responder aos CCIR do Comandante e para exponenciar a proteção da força mitigando ao máximo a possibilidade de baixas. Antes das operações e na fase do PTDM tentávamos por todos os meios obter a maior quantidade de informação possível.”</p>
4	<p>“As informações são decisivas. Quanto melhor e mais fiáveis sejam as informações menos incerteza existe e conseqüentemente melhor será o plano de ação e por isso menor será a probabilidade de a Força ter baixas, ou seja, as informações contribuem diretamente para a proteção da Força.</p> <p>Ter as informações necessárias e suficientes para executar a missão constitui um fator de GO\NO GO.”</p>
6	Não respondeu

**Quadro 13 - Resposta à questão nº9**

FND	Questão nº9: <b>Na sua opinião, e numa perspetiva de análise focada nas Operações em Ambiente Urbano, qual a importância das informações nas na República Centro Africana?</b>
1	<p>“Como referido na questão anterior. Essenciais. No entanto, sabendo da dificuldade na recolha de informações na RCA e de acordo com a missão das FND Portuguesas – QRF – muitas vezes recebem a missão com pouca informação disponível, quer sobre o</p>

	acontecimento em si, quer sobre a ameaça, o que não invalida que a célula de informações da Força faça um trabalho diário e constante de pesquisa/recolha e análise de informações (ao seu nível), tentando acautelar possíveis empenhamentos. E na RCA, conforme o evoluir da situação vivida no país, é possível prever possíveis áreas de empenhamento futuro – isto não invalida a QRF de ser empenhada em situações extraordinárias e imediatas (aliás a sua missão é exatamente essa). Importa reter que, quanto melhor forem as informações recolhidas, melhor são as hipóteses de sucesso da missão, acautelando surpresas – situações prováveis são treinadas e o risco é mitigado.”
3	“Muito importante. Decisiva para a proficiente execução da missão e para a proteção da Força.”
4	“Crucial e decisiva, para a proteção da Força e para o sucesso da operação.”
6	Não respondeu

**Quadro 14 - Resposta à questão nº10**

FND	<b>Questão nº10: De que modo pode a recolha de Informações contribuir para a eficiência das operações militares a desenvolver em ambiente urbano na República Centro Africana?</b>
1	“Julgo que esta questão está respondida na pergunta anterior. As informações disponíveis acautelam os possíveis empenhamentos, focando a Força em treinos específicos (prováveis), com os meios adequados e com a introdução de medidas de mitigação, aumentando as hipóteses de sucesso da missão e reduzindo o risco de baixas, com o empenhamento dos meios adequados – tudo isto resulta em eficiência.”
3	“Contribui e muito. Efetuar operações no tipo de área urbana como a existente em Bangui, sem informação valida, credível e atempada é exponenciar o risco e a possibilidade de baixas nas nossas Forças. É muito importante obter o máximo de informação credível sobre a área, tipo de grupos armados, tipo de armamento, TTP dos grupos e se a população é <i>friendly</i> dos GA, bem como ter mapas de todos os itinerários de acesso.”
4	“Dando ao Comandante, aos planeadores e executores as condições para que a conduta do combate não os surpreenda, e assim, cumprir o plano em segurança, ou seja, minimizar a incerteza, potenciando as condições que queremos impor ao combate. O combate deve ser sempre nas nossas condições e não nas do inimigo.”
6	Não respondeu

**Quadro 15 - Resposta à questão nº11**

FND	<b>Questão nº11: Quais as alterações que devem ser feitas, no âmbito das informações, com o intuito de melhorar as operações na República Centro Africana?</b>
1	“As informações fornecidas pelos canais formais no TO, nomeadamente pela

	<p>MINUSCA, revelaram-se insuficientes, forçando a Força a utilizar outras fontes no terreno, nomeadamente ONG, população local e execução de reconhecimentos, pelo que o aprofundamento da ligação aos canais nacionais é essencial. Em complemento, e se for considerado adequado e oportuno, dotar a Força com uma capacidade (com todos os vetores inerentes) efetiva de recolha e análise de informações – podendo ser equacionado o recurso a elementos de operações especiais.”</p>
3	<p>“A 3ª FND foi a charneira para as FND que se seguiram. Tendo em conta as lições aprendidas das primeiras três FND e os <i>inputs</i> fornecidos pela 3ª FND na área das informações e recolha das mesmas, a EOP da 4ª FND foi alterada tendo sido reforçada nesta área. Foram também adquiridos novos equipamentos para melhorar a recolha de informação.”</p>
4	<p>“Do ponto de vista da Força portuguesa não haverá muito mais a fazer do que aquilo que está a ser feito, aumentar a capacidade tecnológica dos sensores de recolha de informação, nomeadamente <i>drones</i> e tratamento de imagem e cartografia.</p> <p>Na estrutura de informação da MINUSCA muito haverá afazer pois esta revelou-se ineficiente e inadequada para as Forças de nível tático. Para isso, seria necessário melhorar a qualidade dos operadores e analistas de informações da MINUSCA e agilizar o fluxo e partilha de informações entre os diversos departamentos militares, civis e policiais desta estrutura. A aplicação de uma doutrina comum a todas as nações seria também um fator positivo, embora haja doutrina ONU, mas nem todas as nações a conhecem e aplicam.”</p>
6	<p>Não respondeu</p>